



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA**

**IGOR OLIVEIRA DA SILVA**

***TRANSGREINDO CISTEMÁTICAS DE OPRESSÃO: UMA ANÁLISE  
ANTROPOLÓGICA DAS OBRAS DE LINN DA QUEBRADA E URIAS.***

**SANTARÉM - PA  
2019**

**IGOR OLIVEIRA DA SILVA**

***TRANSGREDINDO CISTEMÁTICAS DE OPRESSÃO: UMA ANÁLISE  
ANTROPOLÓGICA DAS OBRAS DE LINN DA QUEBRADA E URIAS.***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Universidade Federal do Oeste do Pará, como parte das exigências do Programa de Antropologia e Arqueologia, como requisito para a obtenção do bacharelado em Antropologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Carla Ramos Munzanzu

**SANTARÉM - PA  
2019**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA**

---

S586t Silva, Igor Oliveira da  
*Transgredindo Cistêmáticas de opressão: uma análise antropológica das obras de Linn da Quebrada e Urias.* / Igor Oliveira da Silva. – Santarém, 2019.  
66 p.: il.  
Inclui bibliografias.

Orientadora: Carla Ramos Munzanzu  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

I. Sexualidades. 2. Lugar de fala. 3. Protagonismo. I. Munzanzu, Carla Ramos, *orient.*  
II. Título.

CDD: 23 ed. 306.768



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE  
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**IGOR OLIVEIRA DA SILVA**

**“TRANSgredindo CISTemáticas de Opressão: Uma análise Antropológica das Obras de Linn da Quebrada e Urias”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal do Oeste do Pará.

Nota: 10

Data de Aprovação 18 / 12 / 2019

PRESIDENTE: Prof<sup>a</sup>. Dra. Carla Ramos Munzanzu  
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup> Mestre. Beatriz Martins Moura  
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof<sup>a</sup>. Mestre Anderson Lucas da Costa Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro - Museu Nacional

## AGRADECIMENTOS

Aos meus namorados, ou como sempre gosto de chamar, meus machos, Paulo Ricardo de Andrade Aguiar e Wesley Leal da Silva, por todo amor e compreensão ao longo dessa jornada que finalmente culmina neste trabalho.

A minha avó, Leonita Oliveira da Silva, que sempre esteve ao meu lado me apoiando em todos os momentos da minha vida, desde a “saída do armário” a decisão de estudar Antropologia. E também as minhas mães, que sempre desejaram o melhor para mim, Cláudia Cilene Oliveira da Silva e Telma Regina Oliveira da Silva.

Aos meus filhos de pelo, Sieg, Celty, Kylo, Garnet, Léia e Catastrophe, que durante todas as crises durante esta caminhada não me deixaram sozinho nos momentos de sofrimento. Nenhum amor no mundo se compara ao de vocês meus gordos.

A todos as pessoas com quem cruzei caminhos nessa longa jornada, em especial aos amigos que cativei e que se mantiveram firmes ao meu lado, Loren Fernandes dos Santos, Anderson Marcio Amaral Lima Junior, Pedro Silva Nogueira, Emanuelle Braga dos Reis, Daniela dos Santos Américo, Warlison Cavichioli da Silva, Dyedre A. Pedrosa.

As duas amigas e irmãs de luta que estiveram sempre me ajudando com as dúvidas que surgiam ao longo da escrita, Thais de Oliveira Costa e Larissa Xavier Cohen Fonseca de Carvalho, doeu, mas conseguimos.

A minha maravilhosa orientadora PHD, tá meu bein?! Carla Ramos Munzanzu, que você continue a fazer feitiços sobre as existências que encontram com a sua. E que todos possam experimentar pelo menos uma vez na vida encontrar professores tão maravilhosos como você.

A todas as trans, travestis, transviadas, queer e todos as demais letras que couberem em LGBTQI+ e todas as que não se enquadram em nenhuma categoria. A todas as negras e negros desse país. Nossas vidas importam, nossas histórias importam! E se eu cheguei até aqui, vocês também podem! Dandara presente! Marielle Presente!

## EPÍGRAFE

[...] O meu corpo é político, mas o seu também é político. E diante disso então é que nos cabe a pergunta, qual é a sua atuação política? Qual é a tua ação política? Se o meu corpo foi alijado, de um espaço de abjeto passa a ser objeto, hoje eu sinto também que o nosso corpo, ele continua ocupando espaços de entretenimento, mas acho que como nós estamos na base dessa estrutura né, como o meu corpo representa aquilo que ninguém gostaria de ser, acho que quando a gente move essa base, toda a estrutura se move junto com a gente de alguma forma[...].

Linn da Quebrada

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, demonstrar a possibilidade de se analisar e entender sistemáticas de opressão através de obras artísticas de mulheres negras e trans, uma vez que estas são atravessadas por marcadores sociais que sustentam esses sistemas, como raça, gênero e classe social. Levando em consideração análises de categorias como Lugar de Fala de Djamila Ribeiro, Memória de Dora Santana, Interseccionalidade de Carla Akotirene, Colonização de Antonio Bispo dentro outros. Durante a análise, levei em consideração a memória corporal como forma de legado e agência de transformação e despertar de consciência, a obra lançada mais recentemente de Urias rememora os fatos que ocorreram na obra de Linn da Quebrada. Assim, parti para a análise de como as narrativas destas obras se entrelaçam através do tempo e como transmitiam subjetividades de um corpo material que não representava somente a si, mas a todo um legado de sofrimento e luta de outras mulheres, cis e trans.

**Palavras Chave:** Sexualidades. Local de Fala. Protagonismo. Memória. Corpo.

## ABSTRACT

The objective of this paper is to demonstrate the possibility of analyzing and understanding systematics of oppression through the artistic work of black women and trans, once these undergo social bookmarks which support those systems, such as race, gender, social class. Considering the analyses of categories such as Lugar de Fala by Djamila Ribeiro, Memória by Dora Santana, Interseccionalidade by Carla Akotirene, Colonização by Antonio Bispo amongst others. During the analysis, the body memory as a legacy form and agency of transformation and consciousness awakening, the most recent work by Urias evokes the facts that occurred in Linn da Quebrada's work. Thus, began the analysis of how these work's narratives entwine themselves through time and how they transmitted subjectivity from a material body that does not represent only itself, but a whole legacy of suffering and fight of other women, cis and trans.

**Keywords:** Sexualities. Place of Speech. Protagonism. Memory. Body.

---

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: “diante do altar”.....	28
Imagem 2: “despertar na solidão”.....	29
Imagem 3: “De noite pelas calçadas”.....	30
Imagem 4: “corpos femininos”.....	31
Imagem 5: “mulher, mulher, mulher, mulher, mulher”.....	33
Imagem 6: “corpos de mulheres distintas caminham lado a lado”.....	34
Imagem 7: “É sempre uma mulher?”.....	35
Imagem 8: “dentro do carro”.....	36
Imagem 9: “De costa sobre a parede”.....	37
Imagem 10: “a briga”.....	38
Imagem 11: “na calçada”.....	39
Imagem 12: “blasfêmea”.....	40
Imagem 13: “Eu to correndo de homem”.....	41
Imagem 14: “um cão de raça”.....	43
Imagem 15: “conversam na calçada”.....	44
Imagem 16: “correntes no pescoço”.....	45
Imagem 17: “Ela caminha”.....	46
Imagem 18: “no balcão”.....	47
Imagem 19: “Foda-se sua crença”.....	48
Imagem 20: “breakdance”.....	49
Imagem 21: “Diaba”.....	49
Imagem 22: “calçada noturna”.....	52
Imagem 23: “mulheres cruzam a cidade”.....	53
Imagem 24: “Introdução de Urias”.....	54
Imagem 25: “as correntes que controlam”.....	55
Imagem 26: “o poder de Urias”.....	56
Imagem 27: “mulheres que resgatam”.....	57
Imagem 28: “entidade diabólica”.....	58
Imagem 29: “heroína ou anti-heroína”.....	60
Imagem 30: “A chegada”.....	61
Imagem 31: “Destruição”.....	62

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2.</b>	<b>O “DES-CONVITE”, A PADRONIZAÇÃO HEGEMÔNICA DE SEXUALIDADES E VIVÊNCIAS.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Corpos que se adequam, a banalidade da segregação e silenciamento.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Ruptura com o movimento? A distância entre o discurso e os valores.....</b>	<b>18</b>
<b>2.3</b>	<b>O encaixe distinto perfeito. Onde para se encontrar foi necessário primeiro se perder.....</b>	<b>1</b>
	<b>9</b>	
<b>2.4</b>	<b>Ruptura, primeiro passo para mudanças mais drásticas.....</b>	<b>23</b>
<b>3.</b>	<b>TRANSGREINDO O “CIS-TEMA”.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1</b>	<b>“Eu sou uma bixa transviada, uma bixa travesti, periférica, preta”.....</b>	<b>24</b>
<b>3.2</b>	<b>“Muito prazer, eu sou o oitavo pecado capital”, A Diaba.....</b>	<b>25</b>
<b>3.3.</b>	<b>Blasfêmea - Linn da Quebrada.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.1</b>	<b>O corpo feminino e o patriarcado, relações de poder e controle.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.2</b>	<b>Subjetividade manifesta, as múltiplas formas de ser “mulher”.....</b>	<b>29</b>
<b>3.3.3.</b>	<b>Onde realidades colidem, interseccionando a realidade.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3.4.</b>	<b>Rompendo com a violência, uma nova forma de vivenciar a realidade.....</b>	<b>41</b>
<b>3.4</b>	<b>Urias – Diaba.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4.1.</b>	<b>Subvertendo a dominação, percebendo seu valor.....</b>	<b>43</b>
<b>3.4.2.</b>	<b>Sensualidade como símbolo de poder.....</b>	<b>45</b>
<b>4.</b>	<b>“QUEM É A LUZ NA ESCURIDÃO?” - A DIABA SE MANIFESTA.....</b>	<b>52</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>66</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Em um dia como outro qualquer na universidade, lembro de um amigo me apresentar o trabalho de Linn da Quebrada, o qual tive um pré conceito inicial totalmente infundado, pensei que não gostaria da música por se tratar de funk, até então não fazia parte do meu repertório musical nenhuma obra deste estilo.

Mas houve um diferencial, desta vez não eram músicas que cantavam uma realidade distante, ou distinta da minha, era uma “gay, preta, travesti” cantando sobre as coisas que eu havia vivido e ainda vivo. Suas letras desgarradas de pudor prenderam minha atenção e por muitas e muitas horas embalaram as atividades dos meus dias. Lembro dos amigos que reclamam por eu só ouvir as mesmas músicas inúmeras vezes, isso até me fazia brincar com eles, dizendo que “agora vocês vão ter que ouvir a nossa voz”.

Então em um semestre, que pensei que seria apenas mais um neste curso, tive a oportunidade de estudar sobre Políticas Afirmativas e Direitos Humanos e dentre os temas deste curso houve a chance de apresentarmos videoclipes que carregavam em sua arte retratos de suas realidades, vivências e discursos políticos. Então propus a apresentação da obra de Linn, chamada “Blasfêmea”, obra a qual eu viria a ser responsável pelo debate.

Depois de muito discorrer sobre a obra e muita e muitas reuniões travadas sobre a temática deste trabalho, minha orientadora, até então ministrante desta matéria sugeriu que eu trocasse o tema, trabalha-se com aquilo que eu me identificava verdadeiramente e fazia parte da minha história, da minha trajetória como pessoa e aluno de antropologia.

E aqui estamos, este trabalho é o produto daquilo que começou como um simples seminário e se transformou em algo muito maior no decorrer de sua escrita. Não somente para mim, este trabalho é minha forma de movimentar as bases dessa sociedade, meu corpo enquanto ocupante deste espaço acadêmico, desta cadeira junto ao curso de antropologia demanda que eu expresse aquilo que não só faz parte da minha vida mas de muitos outros estudantes desta instituição.

Sendo assim, o primeiro capítulo deste trabalho relata o interesse primário para com a temática, entender o porquê de se naturalizar censura no nosso meio e silenciarmos vozes dissidentes que combatem este silenciamento de forma direta. Para isso, trago o relato do caso de censura sofrido pela artista Linn da Quebrada por parte da organização da XVIII Parada LGBT de João pessoa, além de uma breve análise sobre o caso, considerando a

necessidade de descolonizar o discurso de certos setores do movimento LGBT. Passando pela minha história e trajetória enquanto escritor deste trabalho e futuro antropólogo.

No segundo capítulo, apresento as duas artistas responsáveis pelas obras que analisarei, Linn da Quebrada e Urias, ambas mulheres negras trans, de origem humilde que buscam através de suas artes problematizar, entender e superar tudo aquilo que vivenciaram ao longo de suas trajetórias.

E por fim, no terceiro capítulo faço uma análise interligada dos videoclipes descritos no capítulo anterior, fundamentados teoricamente com as devidas referências bibliográficas. Levando em consideração a noção de protagonismo, ou como Djamila Ribeiro nomeia, Lugar de Fala, além de memória, subjetividade e ancestralidade materializada no corpo.

## 2. O “DES-CONVITE”, A PADRONIZAÇÃO HEGEMÔNICA DE SEXUALIDADES E VIVÊNCIAS.

Quero aqui contar um evento sobre censura e o que para mim pode se considerar higienização social, uma vez que se elencam valores morais excludentes incapazes de abranger a totalidade da subjetividade humana. Valores morais estes que chamarei de hegemônicos, uma vez que a palavra hegemonia significa segundo o dicionário : supremacia, influência preponderante exercida por cidade, povo, país etc. sobre outros.

No dia 02 de setembro de 2019, foi divulgado pela equipe da artista Linn da Quebrada uma nota que tornava público o caso de censura sofrido pela artista por parte da organização da Parada LGBT<sup>1</sup> de João Pessoa<sup>2</sup>. Tendo toda a documentação e valores do show acertados com antecedência, a artista foi comunicada que após uma “orientação” o show seria cancelado, quando questionados sobre haver algum problema com os documentos enviados, novamente reafirmou-se o teor pessoal quanto a decisão de cancelar o show.

Sendo assim, entende-se que o posicionamento da organização do evento nada mais é que censura, uma vez que questionados, negaram esta afirmação mas tiveram áudios vazados pela artista que foram disponibilizados na íntegra quando a Equipe Linn da Quebrada publicou a segunda nota sobre o ocorrido<sup>3</sup>. Ao fundo do vídeo que acompanha a nota escrita da equipe, podemos ouvir a música Coytada, citada por um dos organizadores que diz que o vocabulário da Linn da Quebrada não se faz condizente com o movimento de “resistência do evento”.

“Tu podia té ser último boy do planeta, que eu vou dar pra deus e o mundo, vou dar até pro capeta! Mas se depender de mim, mas se depender de mim. Tu vai morrer na punheta! Tu vai morrer na punheta! Sua bixinha safada. Cê só quer dar pras gay bombada. E eu sou muito afeminada. Vou dar pra todes

---

<sup>1</sup>LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros) é a forma mais conhecida de escrita desta sigla que ao longo do tempo ganhou novas letras e novas ordens de organização dessas letras, todos os setores do movimento LGBT podem e devem produzir novas formas de escrever e entender está sigla e tudo que ela representa.

<sup>2</sup> Link para a primeira nota publicada na pagina do Facebook da Artista: [https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/posts/2360389197532972?\\_xts\\_%5B0%5D=68.ARBt-CczjwJU-YdbgsqEn4RBiI7Ae7Ng40aamODcyB8yas1wTg8urq9XhbTaIJ8X5Fag8UlWA0668fHZc5bhpSIg2ur7ammj7HItGgrJfjnREsFrZd2u0gEaPO8RTU5nADDNXOFuIlg6OVODmOYkEJcAF4sS2y8vK9fxqabipLwwFr-ObWeSdKFPYIUyHSPCb07amVkdTzt8Z0sYRLTKw059D0Kff639OBIb5ylggZRing1ya0Sa0IpScCWJYspC\\_2Ys33cotNbZDBojFjTshktYmfINWDBtd7-x73\\_hGheAs-sRwEgOFCCCIwbAC3P8ONwmU1ya08IRq2b-4TKShN1o2&\\_tn\\_=K-R](https://www.facebook.com/mclinndaquebrada/posts/2360389197532972?_xts_%5B0%5D=68.ARBt-CczjwJU-YdbgsqEn4RBiI7Ae7Ng40aamODcyB8yas1wTg8urq9XhbTaIJ8X5Fag8UlWA0668fHZc5bhpSIg2ur7ammj7HItGgrJfjnREsFrZd2u0gEaPO8RTU5nADDNXOFuIlg6OVODmOYkEJcAF4sS2y8vK9fxqabipLwwFr-ObWeSdKFPYIUyHSPCb07amVkdTzt8Z0sYRLTKw059D0Kff639OBIb5ylggZRing1ya0Sa0IpScCWJYspC_2Ys33cotNbZDBojFjTshktYmfINWDBtd7-x73_hGheAs-sRwEgOFCCCIwbAC3P8ONwmU1ya08IRq2b-4TKShN1o2&_tn_=K-R)

<sup>3</sup> Link para a segunda nota publicada juntamente com os áudios da organização da Parada LGBT de João Pessoa: <https://www.facebook.com/watch/?v=491497098301657>

na balada! [...] Eu vou tirar minha camiseta, vou mostrar as minhas teta. Chupo cu, chupo buceta! To sentando, cê ta sentada! (LINN DA QUEBRADA, 2017)<sup>4</sup>

Mas resistência contra o que? Uma vez que descrevesse o movimento LGBT como um movimento de resistência, implica assumir que há um algo ou alguém, a quem os interesses vão de encontro aos do grupo. Opor-se a luta por direitos de uma organização social que busca equidade é fomentar a manutenção dos privilégios de um grupo que se vê ameaçado quando estas minorias alcançam locais que antes lhes eram negados e podem então expressar suas vivências e subjetividades de forma plena e assim transformar não somente a sua realidade, mas a daqueles que se enxergam nesses corpos.

Quando setores da luta LGBT silenciam uma mulher como Linn, não estão somente tentando homogeneizar um movimento plural. Estão perpetuando dentro do próprio movimento discursos<sup>5</sup> transfóbicos<sup>6</sup>, silenciando mulheres de origem humilde e negras, sendo assim, percebe-se diversos sistemas de opressão emanando de um movimento que “resiste” a estes. Quero aqui destacar ao que se entende como transfobia, um processo que segundo Jesus (2013) promove e fomenta a estigmatização, marginalização e perseguição desses sujeitos.

“Historicamente, a população transgênero (composta por travestis e pessoas transexuais) é estigmatizada, marginalizada e perseguida, devido à crença na sua anormalidade, decorrente do estereótipo de que o “natural” é que o gênero atribuído ao nascimento seja aquele com o qual as pessoas se identificam e, por tanto, espera-se que elas se comportem de acordo com o que se julga ser o “adequado” para esse ou aquele gênero”. (HERDT, 1996 apud JESUS, 2013, p. 102)

Dentro do processo de marginalização, reafirma-se o local de exclusão que através da transfobia é destinado aos corpos dissidentes do padrão hegemônico de sexualidades e transforma o movimento LGBT, que segundo os organizadores da Parada LGBT de João Pessoa séria de “resistência”, em um movimento que Rea e Amâncio (2018) chamam de “conformista”. Sendo assim, considero que:

---

<sup>4</sup> Trecho transcrito da música “Coytada” de Linn da Quebrada.

<sup>5</sup> “[...] estamos nos referindo à noção foucaultiana de discurso. Ou seja, de não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle”. (RIBEIRO, 2017, p.58 )

<sup>6</sup> Está expressão se refere a “transfobia”, que dentre outros tipos de preconceito englobam o medo ou ódio contra pessoas transexuais ou transgênero.

“[...] é preciso rejeitar as políticas identitárias LGBT que, homogeneizando e naturalizando grupos sociais diferentes, são incapazes de dar conta da solidariedade e da possibilidade de alianças fronteiriças entre esses distintos grupos. As identidades são, ao contrário, sempre plurais e interseccionais”. (REA e AMÂNCIO, 2018, p.31)

## 2.1 Corpos que se adequam, a banalidade da segregação e silenciamento.

O conteúdo dos áudios que transcreverei a seguir, deixa claro que o problema com a artista não foi da “legalidade”<sup>7</sup> do show, mas simplesmente a discordância de parte dos organizadores e patrocinadores com o vocabulário da artista em suas músicas. Linn sempre se utilizou de linguagem direta em suas obras com algumas metáforas para expressar o teor político destas, mas porque o conteúdo delas seria considerado inapropriado para um evento que advém da luta de minorias pelo reconhecimento e visibilidade de suas realidades?

Pessoa 1: Ai gente, bom dia. Eu não consegui me calar. É... o seguinte, eu queria saber de vocês, (respira profundo) se a gente vai manter mesmo esse tipo de vocabulário? Ano passado a gente já foi criticado por causa dos vocabulário da Valesca, (respira profundo) esse ano tem essa questão da... escolher a Lin da Quebrada... entre a Lin da Quebrada e a... Amanda e a Nick, certo? Que a Amanda e a Nick são duas atrações diferentes e vão ta fazendo show juntas também... (respira profundamente) A Linn da Quebrada tem... nada contra o artista, nada contra éééé... a pessoa, nada contra nada. Só contra o vocabulário, imagina você tá na parada onde você vai escutar uma música que você chupa cu, chupa buceta e vai morrer na punheta. (respira profundo) Onde diz que travesti não tem deus e que travesti de rua, principalmente as que fazem programa se sentem esgoto. Eu acho que não é esse tipo de argumento que a gente quer botar na parada, então eu peço pra re-avaliarem, certo? E... analisar bem direitinho pra poder a gente tomar essa decisão, entendeu? Porque eu acho que vai ser, em relação de vocabulário de termos muito pesados pra gente usar na parada e eu acho que a gente não precisa tanto de... de desse tipo de argumento não, de descer o nível pras pessoas entenderem que a gente tá ali como resistência. Eu acho que a gente poderia rever esses conceitos e continuo insistindo em Nick e Amanda. Bom dia a todos, falei o que eu tinha... o que eu queria falar, porque eu já tava com isso preso desde ontem... (respira pesado) entendeu? E peço desculpa pela minha sinceridade. Bom dia.

Pessoa 2: Iura, bom dia, escute. Quero dizer que não tenho nada contra a Linn da Quebrada, como artista ela tem a opção de trabalhar do jeito que ela quer trabalhar, certo? Mas a questão é o seguinte. Não é só a questão de fazer os héteros se sentirem confortáveis, não é só isso. Por exemplo: ano passado rolaram várias palestras e pelo que eu fiquei sabendo, porque eu não vi eu já tinha ido embora. E realmente a repercussão foi muito negativa. Eu sei que você pode pensar assim: “ah a gente talvez esteja abafando a voz da fala de uma pessoa que pensa dessa forma”, mas não, na época de Stonewall era interessante agir dessa forma porque foi o primeiro grito, aquilo foi o primeiro grito, juntando a conjuntura da época, juntando tudo aquilo, aquilo

<sup>7</sup> Considero legalidade como conformidade burocrática / documental para realização do show.

foi o primeiro grito e era interessante agir daquela forma. Hoje em dia, o movimento LGBT ele enfrenta críticas pesadíssimas principalmente vindas do governo Bolsonaro, de que é um movimento de bagunça, é um movimento de baderna, é um movimento de baixaria e estão tentando nos deslegitimar por conta disso. Então, se estão tentando nos deslegitimar por conta disso, qual seria a lógica, a gente agir de outra forma pra tentar provarmos que não somos isso. Você também pode me dizer assim: “Ah, nós não somos obrigados a provar nada pra ninguém”, mas olhe e veja, que essas atitudes que rolaram ano passado, infelizmente, até, parece questão de patrocínio comprometeram, entende? Até a questão de patrocinadores se retirarem da parada, se retiraram. Então a gente, queira ou não queira, é um evento público. A gente pode expressar a opinião da gente, a gente pode falar, mas a gente tem que saber escolher as palavras, entende? Porque realmente, o público de João Pessoa comparado a outros públicos, outras paradas que eu já vi, é um público mais... vamos dizer assim, mais entre aspas preconceituoso. Entre aspas conservador, é. E eu acho assim, importante ter cuidado com relação a isso. Eu respeito muito sua opinião Iura, também não sou conservador, acho que a arte tem que ser a arte, mas assim, nesse caso, nesse evento, nesse momento, talvez não seja o mais apropriado, certo? (ventos fortes no microfone) Você converse com a Linn da Quebrada pra ela amenizar um pouco em determinadas, determinadas falas. Talvez seja isso. Desde já, quero dizer que respeito a opinião de todo mundo, tá certo? To só falando um ponto de vista meu, ta ok? Com todo respeito, inclusive pra você Iura. (informação verbal)<sup>8</sup>

Percebendo o local ocupado pela gestão do evento<sup>9</sup>, pode-se afirmar que: há um jogo político<sup>10</sup> de higienização social<sup>11</sup> e silenciamento de falas de uma minoria que se vê oprimida dentro de um grupo formado por minorias. Este jogo de poder determina quem tem acesso ao local de fala<sup>12</sup> que se materializa no palco e quem pode ocupar e se pronunciar neste espaço. Linn trans, negra e de origem pobre, canta a realidade “nua e crua”, sua obra toma forma de discurso empoderador<sup>13</sup> e se opõe ao discurso hegemônico, discurso este que dita como se deve comportar o “homossexual” socialmente aceito e como este deve falar, sentir,

<sup>8</sup> O diálogo transcrito faz parte do vídeo divulgado junto a nota de repúdio da Equipe da artista, podendo ser ouvido na página da mesma no Youtube no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Icy51NeJogg&t=4s>. Acesso em 29/11/2019.

<sup>9</sup> XVIII Parada LGBT de João Pessoa.

<sup>10</sup> Política neste sentido é a forma de centralizar, comandar e gerenciar sujeitos e subjetividades. Ao elencar a expressão “Jogo político”, trago para a discussão a ideia de que há dois lados em uma disputa pelo controle de tomada de decisões deste movimento.

<sup>11</sup> Higienização social ou Limpeza social refere-se a toda forma de eliminação de caráter social ou cultural daquilo que se considera indesejável ou anormal.

<sup>12</sup> “Entendendo a linguagem como mecanismo de manutenção de poder, [...] pensar nossas produções e articulações políticas de um modo que seja acessível, como nos ensina muitas feministas negras. Isso de modo algum é ser palatável, pois as produções de feministas negras unem uma preocupação que vincula a sofisticação intelectual com a prática política”. (RIBEIRO, 2017, p. 14)

<sup>13</sup> “Empoderar dentro das premissas sugeridas é, antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto entendendo ser essa a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da história [...]”. (BERTH, 2018, p. 16)

viver, expressar. Não estaria na hora de como diz Rea e Amâncio (2018), descolonizar-mos o discurso LGBT sobre sexualidade?

Mas o que quer dizer “colonização” no contexto deste trabalho? O que se entende quando nomeia-se o discurso hegemônico de “discurso colonizador” ? Para Bispo (2015), pode-se entender colonização como:

“[...]todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra-colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios”. (SANTOS, 2015, p. 47-48)

Sendo assim, descolonizar ou contra-colonizar o discurso e a produção social e acadêmica do movimento LGBT é produzir, a partir do local de fala e resistência, novas formas de expressar e lutar por uma sociedade mais inclusiva e justa. Ao se perceber a necessidade de abandonar padronizações de discurso, comportamental, afetivo e estético do padrão colonial imposto ao movimento e perpetuado pelos seus integrantes, é romper com as discriminações fomentadas entre os diversos setores deste. Perceber o recorte sexual e de classe que se apresentam nessa situação também é parte da busca pela diminuição das discriminações e promoção da visibilidade de corpos dissidentes.

Dentro do grupo dos que se adequam ao discurso colonizador surge um alguém que pode falar, normalmente branco de classe média alta, detentor de uma sexualidade heteronormativizada, que busca um aceite do social através da reprodução e reafirmação de seu discurso, um alguém manso e domesticado. Já uma mulher trans negra que canta “obscenidades”, assim definidas pelo discurso colonizador, não tem o direito de se expressar por causar desconforto aos demais. Sua fala deve ser dócil, maneirada, como um dos organizadores do evento sugere:

“[...]A Linn da Quebrada tem... nada contra o artista, nada contra éééé... a pessoa, nada contra nada. Só contra o vocabulário, imagina você tá na parada onde você vai escutar uma música que você chupa cu, chupa buceta e vai morrer na punheta. (respira profundo) Onde diz que travesti não tem deus e que travesti de rua, principalmente as que fazem programa se sentem esgoto.

Eu acho que não é esse tipo de argumento que a gente quer botar na parada[...]” (informação verbal)<sup>14</sup>

Este alguém domesticado<sup>15</sup> que pode falar, se vale daquilo que Rea e Amâncio (2018) vão chamar de “homonacionalismo à brasileira”, a ideia de que o gay, a lésbica e a pessoa trans possam adquirir direitos sociais iguais ao demais sujeitos sob uma prerrogativa de adequação e subjugação aos valores destes grupos. Esta adequação é compensada pela garantia de direitos, a exemplo disso temos o casamento igualitário<sup>16</sup>, conquista fortemente comemorada pelo movimento LGBT, mas que de certa forma é utilizada como moeda de troca no que se refere a necessidade de políticas governamentais que visem o combate à homotransfobia do país que mais mata LGBT’s no mundo<sup>17</sup>.

“[...]a existência de um homonacionalismo à brasileira, no qual os direitos sexuais se tornam moeda de troca para encobrir outras formas de opressão, socioeconômicas ou raciais”. (REA e AMÂNCIO, 2018, p. 11)

Percebe-se assim a necessidade de construir uma linha de pensamento e ação que rompa com o discurso segregador do movimento, o que diz respeito a perceber que há um ponto de onde este padrão emana, um local de visibilidade, que é ocupado por alguém que reafirma e transmite esse pensamento. Perceber esse alguém que ocupa este local é o primeiro passo para assim possibilitar a ocupação e transformação desse ponto de poder, possibilitando assim a garantia de equidade para sujeitos que por si só são a materialização da diversidade subjetiva.

“[...]Uma vez no fluxo das estruturas, o dinamismo identitário produz novas formas de viver, pensar e sentir, podendo ficar submetidas a certas identidades insurgentes, ressignificadas pelas opressões”. (AKOTIRENE, 2018 p.41)

---

<sup>14</sup> Trecho transcrito do áudio disponibilizado pela artista junto a nota de repúdio anteriormente citada e na sua página oficial do Youtube, acessível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Icy51NeJogg> . Acesso em 29/11/2019.

<sup>15</sup> Emprego aqui está palavra remetendo ao ideal de controle e educação de animais que antes teriam comportamentos instintivos considerados “inadequados” a convivência com humanos.

<sup>16</sup> No dia 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução que obriga todos os cartórios nacionais a celebrar casamentos civis homoafetivos. Assegurando assim, direitos iguais aos já pertencentes as uniões heterossexuais.

<sup>17</sup> Em relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia em 17 de Maio de 2019, o Brasil segue sendo o país onde mais se matam LGBT’s no mundo, sendo registrada uma média de um assassinato a cada 23 horas.

Este discurso segregador segundo Petry e Meyer (2011) assume a nomenclatura de “heteronormatividade”, termo cunhado em 1991 por Michael Warner, representando a forma como a sociedade organiza e determina o padrão da sexualidade de seus indivíduos. Possui assim o poder de “ratificar, na cultura, a compreensão de que a norma e o normal são relações existentes entre pessoas de sexos diferentes” (PETRY e MEYER, 2011, p. 196).

Quando rompe com este ideal de aceite e conformismo, Linn rompe com certos setores do movimento LGBT e passa a englobar um novo espectro da luta política pela conquista de direitos e que ganha notoriedade com a publicação do livro “Problemas de Gênero” de Judith Butler, o movimento Queer, caracterizando-se pela subversividade em contraponto ao conformismo colonizador presente no primeiro. Segundo Rea e Amâncio (2018):

“Para a teoria queer, as minorias sexuais deveriam permanecer em um lugar estratégico de luta, resistindo à tentação de se uniformizar e se integrar ao conforto da maioria e da sociedade capitalista, como um todo. A teoria queer baseia-se na politização da dissidência sexual e das sexualidades contra-hegemônicas e defende uma política das identidades não essencializadas[...]”. (REA e AMÂNCIO, 2018, p.4)

## **2.2 Ruptura com o movimento? A distância entre o discurso e os valores.**

Nesse ponto, a artista não revigora o poder hegemônico impregnado no movimento LGBT e isso torna seu discurso e sua arte perigosos a quem se encontra no local de poder. Pensar e vivenciar sexualidade de forma não impositiva gera desconforto aos demais pois sucinta o levante de um público controlado que agora perceberia que não somente há uma forma de ser e estar no mundo.

Ainda assim, a teoria queer, tem origem segundo Rea e Amâncio (2018) na década de 1990, com Teresa de Lauretis<sup>18</sup> e Judith Butler como suas principais representantes, surge em:

“[...] oposição à política de igualdade, segundo a qual mulheres e minorias sexuais deveriam se integrar na sociedade dominante. Em oposição à ideia de uma assimilação de mulheres e minorias sexuais ao sistema social atual [...]” (REA e AMANO, 2018, p. 3)

---

<sup>18</sup> A expressão “teoria queer” é atribuída a Lauretis por seu artigo publicado em 1991 intitulado “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities”.

Em um país como Brasil, que pratica aquilo que Achille Mbembe define como Necropolítica<sup>19</sup> com a população negra e pobre, certamente não podemos separar a questão racial da questão social, tão pouco, poderíamos falar sobre sexualidade sem levar em consideração o ponto de encontro entre esta e os demais sistemas de opressão que operam sobre sujeitos marginalizados e minorias sociais. Perceber esses pontos de encontro entre os sistemas de opressão é levantar aquilo que Akotirene (2018) define como Interseccionalidade:

“O termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras” (AKOTIRENE, 2018, p.54)

Quando se nega o direito a apresentação e fala de uma artista como Linn Da Quebrada, não está simplesmente se evidenciado a discrepância entre os valores e o discurso daqueles que detêm o controle do poder e aqueles que através de sua arte, vivência e escrita, lutam pela representatividade e valorização de subjetividades marginalizadas e invisibilizadas.

Perceber a materialidade de políticas de segregação e opressão presentes em certos setores do movimento LGBT pode ser o primeiro passo para perceber que: silenciar uma mulher como Linn, não somente é silenciar um sujeito trans, como é silenciar um alguém negro e pobre, que ousa romper com o conformismo social que domestica potências plurais que podem abrir um leque de possibilidades para se experienciar gênero e sexo.

“Quando eu penso em sexualidade, pra mim, pensar sexualidade é pensar a sexualidade de forma muito material. A forma como cada uma de nós pratica seu sexo, com quem pratica, com quem dorme, que posições sabe? Como realmente, materialmente e concretamente praticam seu sexo”. (LINN DA QUEBRADA, 2018)<sup>20</sup>

### **2.3 O encaixe distinto perfeito. Onde para se encontrar foi necessário primeiro se perder.**

Pensando nessas possibilidades de vivências diferenciadas, gostaria de falar um pouco sobre mim enquanto pesquisador, futuro antropólogo e viado cisgênero assumidamente

---

<sup>19</sup> Em seu trabalho intitulado “Necropolítica”, Achille Mbembe define necropolítica como “a expressão máxima da soberania [...], o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer”.

<sup>20</sup> Frase dita pela artista na introdução do vídeo da apresentação ao vivo de Coytada, publicado no Youtube em 13 de Março de 2018, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yb5ykFRYnI8>.

militante e poliafetivo. Filho de dois adolescentes sem instrução, com mãe solteira sendo expulsa de casa ao divulgar para a família que estava grávida aos 19 anos, fui criado pela minha mãe e uma tia - com quem tenho relação maternal até os dias atuais - que ampara minha mãe naquele momento.

Aos 15 anos assumo minha homossexualidade para ambas e sou confrontado com os dizeres e tabus da religião cristã que nortearam e ainda norteiam as relações dos meus familiares. Abandono então minha religiosidade que até o momento também era cristã e passo a me considerar ateu por não conseguir se adequar mais a qualquer dogma e transitar facilmente entre todos os convites que me fazem para conhecer novas formas de se vivenciar espiritualidade.

Ao me assumir, começam os conflitos com “minhas mães” por não considerar minha sexualidade um erro, ou um problema, ou como os cristãos gostam de considerar, um “pecado”. Passo então a tentar conscientizar ambas sobre a possibilidade de múltiplas formas de ser e estar no mundo. Um caminho nada fácil, cheio de conflitos e desentendimentos que foram moldando a forma de lidar e viver ao lado de ambas.

Talvez aqui haja uma espécie de similaridade no conflito de valores entre mim e minhas mães, o que possibilita maior afinidade minha enquanto pesquisador com as questões levantadas por situações e obras artísticas que se constroem como forma de enfrentamento ao discurso segregador e excludente.

Lembro perfeitamente de quando comecei a galgar meu respeito enquanto homossexual assumido, estava assistindo a décima edição do reality show “Big Brother Brasil” onde o homossexual assumido Serginho era alvo de chacotas e preconceitos por parte de todo o Brasil, juntamente com outro participante igualmente assumido, Dicezar. Minha mãe biológica ainda muito descontente com minha sexualidade grita: “desliga essa televisão, não quero saber de coisa de viado dentro dessa casa”. E por um impulso de rebeldia e força, respondi no mesmo tom usado por ela naquele momento: “Não vou desligar porra nenhuma, não sei se tu ainda não se tocou, mas tem um viado dentro dessa casa e ele é teu filho!”.

Apartir daquele momento, quando deixei de me denominar como homossexual e passei a assumir a denominação “Viado” - que para muitos pode ser pejorativa, mas para mim é um orgulho enorme ser chamado de viado - , minha mãe biológica e posteriormente minha mãe de criação passaram a deixar de considerar “uma fase”, ou achar que “iria passar”<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> Faço uso aqui das palavras delas na época.

Passei então a ser visto como um sujeito distinto dos demais, mas ainda assim questionado sobre a validade da minha sexualidade e afetividade. Amar outro homem era e ainda é considerado errado por cristãos, mas nunca deixei que isso se sobrepusesse ao meu querer, ao meu ser, uma vez que já não era praticante desta religião.

Passadas as intrigas iniciais e com os términos de meus relacionamentos da época, as coisas foram se acalmando, mas sempre percebi uma certa recusa ao fato de eu ser viado. Entendo a projeção que os pais têm para com os filhos, imaginam futuros, projetam suas frustrações pessoais nas realizações dos filhos, etc. Mas passei a considerar que minha vida era minha e apenas minha pra vivenciar e experienciar-la da forma que achasse correto, valorizando aquilo que eu quisesse.

Aos 18 anos, após ter abandonado a faculdade pela primeira vez para trabalhar e abandonado o trabalho para voltar a estudar, fui expulso de casa pela décima primeira vez. Pensei em mais uma vez abandonar os estudos para trabalhar e me manter sozinho, o que não seria fácil, mas estava disposto a arriscar. Fui então buscar conselho com o namorado que na época estava comigo há apenas um ano, ambos decidimos que estava na hora de romper com nossos pais - não seria essa também uma ruptura com uma forma de controle hegemônico? - e passarmos a ter nossa própria vida, um canto em que pudéssemos ter paz e sossego.

Ele, então formado e trabalhando como terceirizado e eu pensando em como faria para ajudar nas contas da nova vida, propus abandonar a faculdade e procurar emprego como era o plano inicial, mas recebi apoio deste para continuar estudando, ele me disse que “a situação dos meus pais é do jeito que é hoje porque meu pai nunca apoiou minha mãe a seguir os estudos e eu não quero que isso se repita com a gente, vamos dar um jeito, não vai ser fácil mas vamos conseguir”<sup>22</sup>. Organizamos tudo e então deixamos a casa dos nossos pais e alugamos nosso primeiro apartamento.

Com a ruptura, veio então o segundo momento de respeito, “minhas mães” já não me consideravam um peso, ou alguém a ser tolerado, mas alguém a ser respeitado, com voz, vontade, sonhos e desejos. Surge então um ponto de representatividade e respeito dentro de nossas famílias, o que nos leva a perceber que a nossa força, poderia ser exemplo para outras vivências e outras possibilidades. Nos esforçamos para que tudo desse certo, com todos os

---

<sup>22</sup> Teriam sido estas as palavras que, junto com inúmeros fatores e pessoas que atravessaram meu caminho até hoje, possibilitaram eu estar aqui neste momento, escrevendo este trabalho?

problemas e desentendimentos comuns a todas as relações humanas, sempre mantivemos firme o desejo de estar juntos e construir família<sup>23</sup> e realizar nossos sonhos juntos.

Eu via então meus amigos, passando por tantas dificuldades e queria que o meu lar - construído sem perceber como ponto de representação e visibilidade - fosse um recanto em que eles pudessem se sentir apoiados e seguros caso necessitassem de ajuda. E mesmo quando não fosse essa a necessidade deles, pudéssemos ser o exemplo de que aquele momento de dificuldade iria e poderia passar, só precisávamos ter forças para enfrentá-lo.

Passados alguns anos, em um evento em Belém do Pará, acabei conhecendo um outro rapaz e me envolvendo afetivamente e sexualmente com ele. Ao retornar a Santarém, contei ao meu namorado sobre o que havia acontecido e sobre como eu não conseguia entender minha própria cabeça, pois o afeto de uma relação não afetava o da outra, mas havia uma confusão interna em mim, como aquilo podia ser “normal” se fomos criados e condicionados a achar que a única forma de amar é a cisheterocristã, onde duas pessoas se dedicam plenamente uma a outra. Fomos duramente criticados por nossos amigos pela escolha de vivenciar aquela experiência - novamente romper com o padrão social hegemônico -, de tentar fazer diferente. Algumas amizades se romperam e outras se afastaram, todas respaldadas de que “aquilo não era amor”.

O tempo passou e aquela relação chegou ao fim, continuei com meu namorado mais velho, mas algo havia mudado em nós. Agora, já não associamos amor ao sexo, havíamos separado completamente nossa afetividade da sexualidade, entendemos que amor por si só, envolvia muito mais coisas do que sexo e o sentimento de posse sobre outra pessoa e nos permitimos explorar novas possibilidades sexuais em nossa vida conjunta.

O que 4 anos depois nos levou a conhecer nosso atual namorado, aqui já não há mais uma pessoa que está envolvida afetiva e sexualmente como duas outras, mas sim, três pessoas que se amam e cuidam uma das outras. Decidimos então morar juntos, dividir nossos sonhos, alegrias e tristezas em tempo integral, ainda sofrendo julgamentos velados de familiares e conhecidos. Mas optando sempre pela felicidade que nós escolhemos construir e vivenciar.

---

<sup>23</sup> Entendo família como um conjunto de pessoas que estão interligados através de relações afetivas.

## 2.4 Ruptura, primeiro passo para mudanças mais drásticas.

“[...] a verdadeira libertação só pode ocorrer quando todos esses sistemas de opressão forem transformados e alterados, de forma que “é impossível dismantelar a homofobia sem dismantelar o racismo, que, por sua vez, não pode ser dismantelado sem dismantelar o sexismo, e assim por diante.” (EL-TAYEB, 2016, p.163 apud REA e AMÂNCIO, 2018, p. 22)

Feitas as considerações sobre o caso de censura sob a apresentação de Linn e situados de meu local enquanto pesquisador e escritor, proponho analisar os processos de ruptura entre o diálogo do movimento LGBT e a manifestação artística de Linn e Urias, tendo em vista que, aquilo que se produz através do trabalho de ambas atinge maior número de vivências e subjetividades do que o movimento centralizado no campo teórico e “resistivo”. Buscando assim, encontrar meios de romper com um discurso colonizador que fomenta os mais diversos tipos de preconceitos e faz com que esses, estejam diretamente relacionados entre si.

### 3. **TRANSGREDINDO O “CIS-TEMA”**

Neste trabalho, busco analisar obras de duas cantoras trans de muito sucesso no cenário musical brasileiro de 2019, ambas de origem humilde, utilizam sua arte como forma de se expressar sobre suas vivências e realidades. Fazem de seus corpos e de sua música símbolos de resistência de uma população marginalizada.

Sem mais delongas, situarei neste capítulo quem são as duas atrizes e então partirei para descrição de suas obras selecionadas para o desenvolvimento deste trabalho, começando por Linn Da Quebrada, em sua “obra manifesto” como assim a define e por fim chegando em Urias, com sua obra “Diaba.

#### 3.1 **“Eu sou uma bixa transviada, uma bixa travesti, periférica, preta”<sup>24</sup>.**

Linna Pereira, mundialmente conhecida como Linn da Quebrada, nasceu em São Paulo em 18 de Julho de 1990, em suas próprias palavras se define como: “artista multimídia, cantora, performer, terrorista de gênero, nem ator, nem atriz, atroz. Eu sempre enxerguei o funk como a poesia da quebrada e acha que não é privilégio do funk ser um espaço machista e um espaço de exclusão”. (LINN DA QUEBRADA, 2018)<sup>25</sup>

Conhecida por tocar em assuntos tabus em suas músicas, teve seu primeiro álbum lançado em 2017 intitulado “Pajubá” financiado através de campanha coletiva. Lançou-se sobre a identificação de travesti e destacou-se por destoar do estereótipo padrão, mais tarde assumiu sua transexualidade alterando seu nome e gênero no registro civil. Por muito se questionou sobre seu papel como artista diante do mundo, criada pela tia, foi expulsa da religião Testemunhas de Jeová, canta sobre sua trajetória enquanto LGBT, mulher trans e negra.

“Abandonada pelo pai, por sua tia foi criada. Enquanto a mãe era empregada (alagoana arretada!). Faz da tripa coração, lava a roupa, louça e o chão. Passa o dia cozinhando pra dondoca e patrão. Eu fui expulsa da igreja! (ela foi desassociada). Porque uma podre maçã deixa as outras contaminadas. Eu

---

<sup>24</sup> Fala da artista em entrevista para Regina Volpato em seu canal no Youtube, publicada em 6 de Setembro de 2016 disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jBEKL9lnYGA>>. Acessado em 06 de Dezembro de 2019.

<sup>25</sup> Fala disponível em entrevista ao Jornal Nexo, publicada em 17 de Maio de 2018, disponível no Youtube no link <<https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>>. Acessado em 06 de Dezembro de 2019.

“tinha tudo pra dar certo e dei até o cu fazer bico. Hoje meu corpo, minhas regras, meus roteiros, minhas pregas” (LINN DA QUEBRADA, 2017)<sup>26</sup>

Ativista pelos direitos LGBT e negritude, lança em 2018 o filme longa metragem “Bixa Travesty”, no Festival Internacional de Cinema de Berlim. Obra cinematográfica sobre sua trajetória, o longa ganhou ainda prêmio na categoria Documentário, na premiação Teddy Award, premiação que ocorre em paralelo com o Festival de Berlim dedicada a obras com temática LGBT.

Tem seu corpo como manifesto vivido a todo momento, um processo em eterna transformação onde se propõe a percepção daquilo que se deve mudar não somente no outro, mas em si também. Entende-se e denomina-se como “Bixa Travesti”, novamente em suas palavras:

“a arte como um todo, eu sinto que nunca foi um espaço receptivo a mim, assim como nenhum outro espaço é receptivo a corpos estranhos. E corpos estranhos como o meu. E eu to problematizando, pra encontrar a solução. Acho que eu to pensando na minha solidão, eu to pensando no meu círculo, eu to vendo as coisas como elas estão me atravessando e eu estou me propondo novos caminhos[...]. Mas pra isso, eu preciso ter uma crueldade necessária, de admitir em mim, o que eu preciso transformar”. (LINN DA QUEBRADA, 2018)<sup>27</sup>

Publicado em 14 de abril de 2017, o “transclipe” assim nomeado pela artista, “Blasfêmea” é uma obra ímpar que busca demonstrar a pluralidade de corpos e suas potências, tem como trilha sonora a música denominada “Mulher”, também obra de sua autoria presente no seu disco de estreia denominado “Pajubá”. Obra “músico-documental” é desenvolvida ao longo de seus 10 minutos e 18 segundos apresentando vários momentos marcantes, os quais busco analisar em conjunto com a obra de Urias, “Diaba”.

### **3.2 “Muito prazer, eu sou o oitavo pecado capital”, A Diaba.**

Urias, artista trans atualmente com 25 anos de idade, nascida na cidade de Uberlândia, estado de Minas Gerais e conhecida como “amiga da Pablllo Vittar”, iniciou sua carreira artística no mundo da moda como modelo de passarela e para fotografias, trabalhando

<sup>26</sup> Trecho transcrito da música intitulada “A Lenda” de Linn da Quebrada, presente em seu disco lançado em 2017 de nome “Pajubá”.

<sup>27</sup> Fala disponível em entrevista ao Jornal Nexo, publicada em 17 de Maio de 2018, disponível no Youtube no link <<https://www.youtube.com/watch?v=W17OoImPFV4>> acessado em 06 de Dezembro de 2019.

posteriormente como produtora de Pablllo, lançou-se no mundo musical em parceria com a cantora na música “Ouro”, lançada no disco “Não para não”, de 2018.

A obra intitulada “Diaba”, lançada por Urias em Setembro de 2019, é parte do EP que leva o nome da cantora “Urias” lançado em outubro do mesmo ano. Em entrevista, a cantora fala sobre sua obra e diz que: “Quis me empoderar do fato de que meu corpo é visto como a pior coisa que uma pessoa possa ser. Já que grande parte da sociedade me vê como uma coisa ruim, decidi ser a pior das coisas, a própria encarnação do mal com minha música” (URIAS, 2019)<sup>28</sup>.

Quando questionada sobre o que sua obra representa para Ela, Urias responde pontualmente sobre o nível de que o resultado desta é interligado a suas vivências e experiências, através das músicas buscou falar de tudo aquilo que outros falando sobre pessoas como Ela não eram capazes de entender e descrever.

“Representa poder usar a minha voz para falar as coisas do meu ponto de vista, sabe? Para as pessoas como eu se identificarem, e saberem que estamos falando da gente, isso é muito importante, porque eu não tinha ninguém que falasse, podia até me identificar com a música mas eu sabia que a pessoa não estava falando de certas coisas específicas que só a gente passa. Então, pra mim representa isso, poder falar sobre as coisas que eu passo.” (URIAS, 2019)<sup>29</sup>

Atentando assim para a presença de subjetividades pessoais das artistas em suas obras passarei a descrição das obras e posteriormente, a análise das categorias e conceitos que podem ser percebidos no universo multifacetado que emerge do mundo musical quando este, é protagonizado por mulheres trans e suas formas de enxergar suas realidades e a das demais minorias.

“Acho que estamos recebendo um outro tipo de respeito por nosso trabalho. Quanto mais reprimido é essa comunidade artisticamente, tudo fica mais intenso. Sempre foi assim. Quanto mais reprimido, mas forte seremos artisticamente. E nós temos muito o que aprender ainda”. (URIAS, 2019)<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Fala da Urias em entrevista ao UOL, disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/colunas/adriana-de-barros/2019/08/19/amiga-de-pablllo-vittar-urias-lanca-amanha-a-musica-diaba-primeira-do-ep.html> acessado em 04/11/2019 as 15:31.

<sup>29</sup> Trecho transcrito de entrevista dada pela artista para o site Latinos Brasil, disponível no link <<http://www.latinosbrasil.com/lb-entrevista-urias-fala-sobre-seu-primeiro-ep/>>. Acessado em 06 de Dezembro de 2019.

<sup>30</sup> Trecho transcrito de entrevista dada pela artista para o site Vice, disponível no link <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/43kpqn/a-estranheza-de-urias](https://www.vice.com/pt_br/article/43kpqn/a-estranheza-de-urias)>. Acessado em 06 de Dezembro de 2019.

Descreverei agora a obra de Linn da Quebrada, chamada “Blasfêmea” e posteriormente a produção de Urias, intitulada “Diaba, tentando abranger o máximo de detalhes nestas descrições de forma a propiciar melhor entendimento das análises que farei no Capítulo 3 deste trabalho.

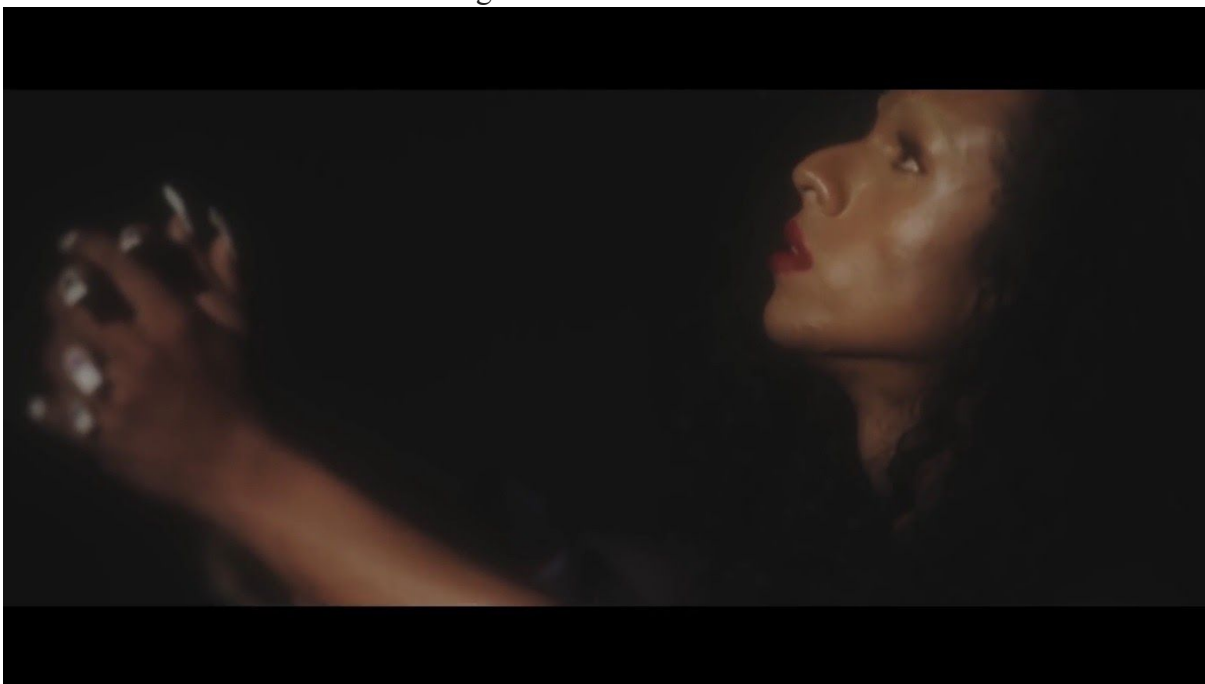
### 3.3. Blasfêmea - Linn da Quebrada

#### 3.3.1 O corpo feminino e o patriarcado, relações de poder e controle.

O videoclipe inicia na escuridão, somente um altar está iluminado pela única fonte de luz superior que adentra o ambiente. Não há música, ao longe se escuta passos ao chão, e assim, conhecemos o corpo feminino, saído das sombras, seu corpo expressa sua sensualidade e disciplina.

Assim Ela prostra-se diante do altar, assumindo caráter submisso sob o olhar do “divino”. A personagem então curva-se diante do altar e entrelaça os dedos com suas longas unhas adornadas em sinal de prece, seus olhos são chamados ao som de sinos, Ela então olha para o alto procurando na luz sua divindade. Ela nos revela então o seu rosto, e sob a luz está Linn, com seus lábios pintados de vermelho.

Imagem 1: “diante do altar”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Começa então o lamurio de um violino, é “Bach - Matthäus Passion - Erbarme Dich”, o olhar da personagem se mantém fixo, despe-se então de suas roupas e diante de si, surgem da luz dois corpos masculinos distintos, o fogo do desejo é aceso e então nos é posto em cena dois falos em formato de vela. O personagens expressam no rosto prazer e desejo,

mantendo-se sempre superiores ao corpo de Linn, que também demonstra satisfação no ato concebido.

Algumas gotas de cera quente pingam sobre sua pele despida, nesse momento do videoclipe, a escuridão compõe e desenha a cena; Linn coloca-se de quatro para suas divindades, estas deleitam-se dos prazeres oferecidos, há o orgasmo, a cera quente cai sobre o corpo dominado, simulando o sêmen, utiliza-se do corpo feminino sem tocá-lo, sem satisfazê-lo.

Imagem 2: “despertar na solidão”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Na cena seguinte, Ela desperta na solidão, coberta pela cera, está usando apenas um salto alto e sua calcinha. Sua cabeça encontra-se sobre o altar que também está coberto pela cera já fria e dura. A luz continua a iluminar este ponto específico da sala, mas agora também ilumina o corpo abandonado da personagem. Então há a transição, a cena dirige-se para a escuridão, entrando assim no segundo momento do clipe.

### 3.3.2 Subjetividade manifesta, as múltiplas formas de ser “mulher”.

A personagem segue sob a escuridão, mas dessa vez não se encontra em um ambiente fechado, ela encontra-se nas calçadas, vestida com sutiã cheio de brilhos e uma

blusa roxa claro que não esconde as curvas de seu corpo. Caminha pela calçada com o olhar baixo, este então se volta para os carros a buzinar. Ao fundo, ouve-se os dizeres de sua mãe:

“Eu acordei agora, dormi... acordei agora, agora to vendo que é você mesmo, cê é louca mesmo né junior?! Mas tudo bem, faz o que cê gosta. Mas se cuida, tá? Tanto na alimentação, como na sua saúde. Beijo, te amo. Do jeito que você é!” (informação verbal)<sup>31</sup>

Imagem 3: “De noite pelas calçadas”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Começa então a música, que passa a guiar a personagem durante as cenas. Enquanto caminha pelas calçadas, para um instante, curva-se diante de um carro e observa seu interior enquanto conversa com um cliente, pode-se ver seus shorts, recobertos pelos mesmos brilhantes que adornam seu sutiã. A música que a acompanha diz em sua letra: “De noite pelas calçadas, andando de esquina em esquina. Não é homem nem mulher, é uma trava feminina”. Ela adentra então o veículo e mostra seu interesse sobre o cliente, enquanto a letra segue: “parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios. Ela é diva da sarjeta”.

Há um corte na cena, Ela já não se encontra no carro de seu cliente, mas no meio da rua, sob a luz de postes que iluminam seu local de trabalho, grandes argolas adornam suas orelhas, seu telefone encontra-se em mãos. A letra segue firme, cantada por Ela sobre a luz

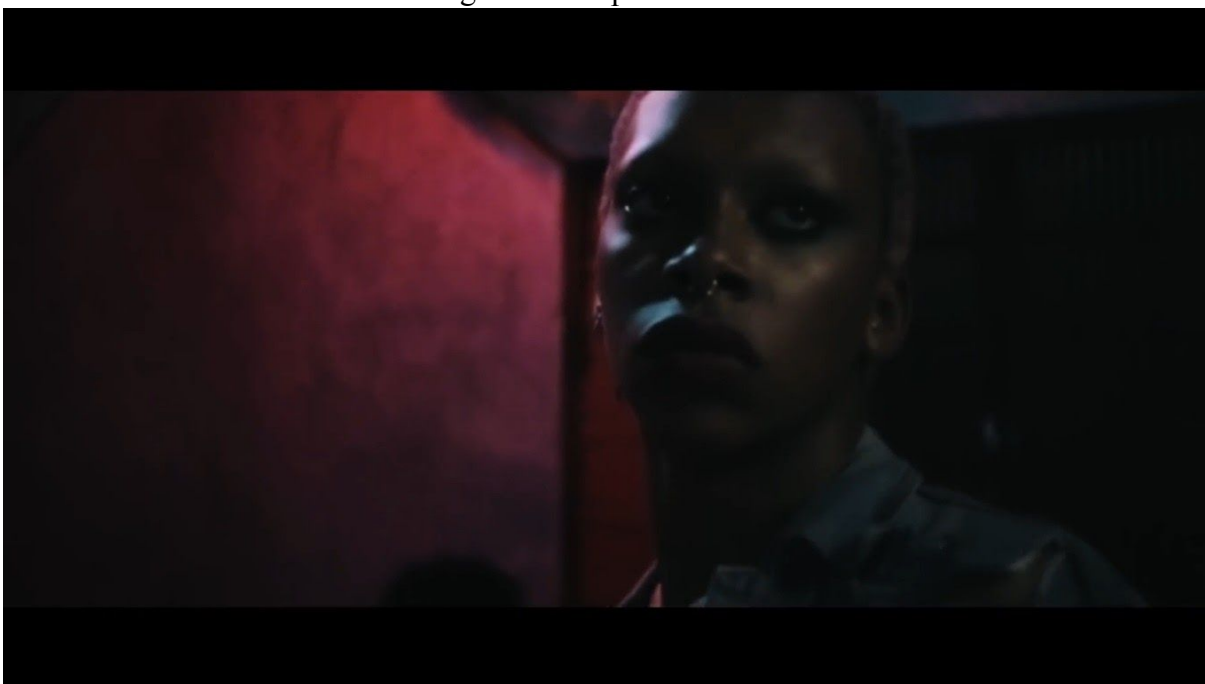
<sup>31</sup> Áudio transcrito da Obra “Blasfêmea” de Linn da Quebrada, publicado no Youtube em 14 de Abril de 2017.

dos postes: “o seu corpo é uma ocupação. É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto, está sempre em desconstrução”.

As imagens do clipe retornam ao carro do cliente, em momento algum seu rosto é mostrado; ele então passa a mão sobre a coxa Dela, que vai com sua mão ao encontro da mão de seu cliente. O rosto dele encontra-se oculto sob o capuz. As imagens retornam rapidamente a rua, onde Ela se encontra em destaque cantando: “nas ruas pelas surdinhas é onde faz o seu salário. Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário. Não tem Deus, nem pátria amada”. Enquanto Ela canta, seu telefone encontra-se com a tela ligada em sua mão direita, contrastando com o aparelho negro estão suas longas unhas brancas. Balança seus braços para os lados, fazendo os brilhos de suas roupas reluzirem.

As cenas então mudam novamente, a personagem continua com seu cliente, enquanto somos introduzidos a novas mulheres e a homens que encontram-se em um ambiente festivo, enquanto estes corpos masculinos trocam afetos, outras mulheres cantam em um karaokê. Segue a voz da personagem cantando: “Nem marido, nem patrão. O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário. Ela é tão singular”.

Imagem 4: “corpos femininos”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

As cenas mostram então o grupo no bar, enquanto todos sorriem e bebem, evidencia a singularidade de corpos femininos, mulheres magras, gordas, negras, brancas,

com cabelos curtos e longos são o destaque deste momento. Enquanto todas se divertem, uma delas, negra e com piercing no septo, percebe algo ao direcionar seu olhar para longe do grupo. A letra deste momento continua: “Só se contenta com plurais. Ela não quer pau. Ela que paz”.

Um rápido momento mostra a personagem principal, encenada por Linn, com a cabeça encostada nos muros das calçadas, Ela está com um sorriso no rosto. Passamos então a observar outra mulher, loira, caminhando pelas ruas com o que parecem ser compras de um supermercado. Há um close em seu rosto, mostra-se os lábios desta mulher pintados em tom claro, um novo close é dado, foca-se nos peitos desta mulher.

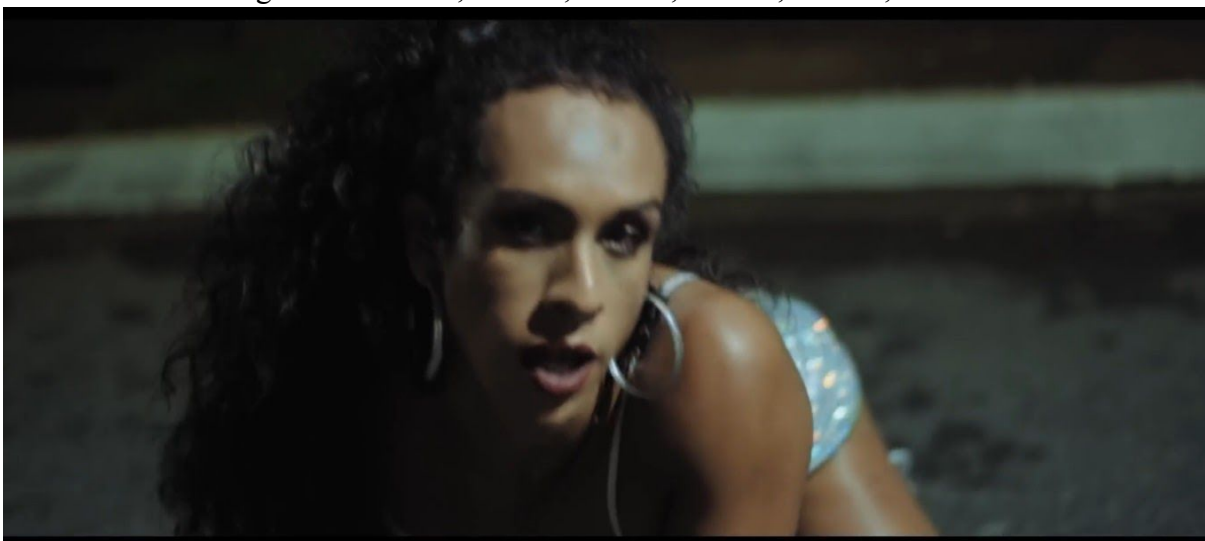
Esta mulher agora não se encontra sozinha, está sentada ao lado de outra, que fuma enquanto conversa com um homem, sorriem todos juntos enquanto a mulher que antes caminhava com sacolas de supermercado confere algo na palma de sua mão. A música segue: “Seu segredo ignorado, por todos e até pelo espelho. Seu segredo ignorado, por todos e até pelo espelho”. O rosto da personagem reflete no retrovisor do carro, os vidros estão cobertos por água, há então uma transição abrupta para um novo momento.

### 3.3.3. Onde realidades colidem, interseccionando a realidade.

Ela encontra-se novamente sobre as calçadas, suas costas apoiadas contra a parede. A câmera movimenta-se de baixo para cima, focando-se em seu sutiã, não há grande volume em seus peitos, a mão com suas unhas longas e brancas baixa de seu pescoço passando por cima dos peitos. Seguindo cortes de cena rápidos, nos é mostrado o rosto da personagem, a música acelera, sua letra então clama pelas mulheres: “mulheeeeeeeeeer! mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher”.

A personagem aparece no meio da rua, joga seus cabelos para trás enquanto, em cortes rápidos, podemos ver mulheres distintas descendo escadas, uma com seu corpo coberto por calças e jaqueta jeans, outra com sua calça desgastada e camiseta preta deixando visível sua barriga, corta-se então para a rua, onde duas mulheres caminham durante a noite com expressão séria, uma delas possui cabelo curto preso com uma faixa dourada como seu vestido curto, suas orelhas adornadas com longos brincos. Sua companheira possui cabelos longos, orelhas com longas argolas, pescoço adornado com um colar, sua blusa decotada preta contrasta com o vestido dourado da outra e seu shorts prata. Ambas caminham com olhar sério voltado para frente.

Imagem 5: “mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

A personagem principal segue cantando seu chamado pelas mulheres jogada na rua de quatro movimentando seu corpo encarando a câmera: “mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher”. Surgem então duas mulheres em um ônibus, a primeira com seus cabelos longos e ondulados repousa sobre o ombro direito da segunda, que usa óculos aviador e seus lábios sem pintura.

Ambas as mulheres são despertadas pelo chamado da personagem, olham com cara de surpresa pela janela do ônibus. A cena então muda, nos traz o rosto da personagem que continua a cantar enquanto a câmera oscila e desfoca seu rosto, voltando a focar logo em seguida: “Nem sempre há um homem para uma mulher, mas a dez mulheres para cada um”.

Imagem 6: “Corpos de mulheres distintas caminham lado a lado”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

A câmera então, passa a filmar o chão da rua, onde sombras se aproximam, uma multidão caminha por ali. Corpos de mulheres distintas caminham lado a lado, vestidos de formas variadas, shorts curtos, calças jeans, saltos, percatas, tamancos, vestidos curtos, vestidos longos. O ângulo de filmagem muda, mostram as costas de uma mulher que veste jaqueta jeans. A música segue firme: “É sempre uma mulher. Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há dez mulheres para cada um”.

Close nos rostos distintos, há maquiagens leves um um rosto, sua expressão séria é destacada pela sombra em seus olhos possuem tom claro. O rosto da segunda mulher possui a mesma feição, seus olhos cobertos pelas sombras da rua, seus cabelos desgrenhados estão presos por uma rede.

Uma mulher negra e gorda de cabelo raspado caminha na chuva ao lado das demais, dois rostos desfocados podem ser observados ao lado direito desta mulher, outra mulher que aparenta também ser gorda<sup>32</sup> porém branca e de óculos garrafais; na esquerda uma mulher negra de cabelos curtos caminha debaixo do guarda chuva.

A personagem segue cantando: “E uma e mais uma e mais uma e uma uma e mais outra mulher. E outra mulher”. Um close é dado na boca da personagem principal enquanto canta “e outra mulher”, a câmera volta a rua, agora em uma visão lateral das mulheres caminhando, onde se vê longos cabelos loiros, uma nova transição, pode-se ver ombros

---

<sup>32</sup> Romper com o sentido pejorativo da palavra para BERTH (2018) é acima de tudo perceber que o que já está mantido nas bases sócio políticas é o que possibilita a manutenção dos sistemas de opressão.

tatuados, a mulher que veste jaquetas jeans tem seu rosto revelado e seus cabelos curtos e crespos são cor de rosa.

Duas mulheres possuem cabelos adornados em dreads, mas uma possui em suas orelhas longos brincos enquanto a outra não usa nenhum acessório nas suas. Um novo close nos rostos dessas mulheres, agora se veem lábios pintados de vermelho vinho, seu cabelo ondulado caído na lateral do rosto, enquanto que sua companheira de caminhada usa um boné esportivo cinza, deixando livre seus longos cabelos rosa. Está mulher também possui sombras marcadamente azuis em seus olhos. Ambas olham firmes para frente.

Imagem 7: “É sempre uma mulher?”



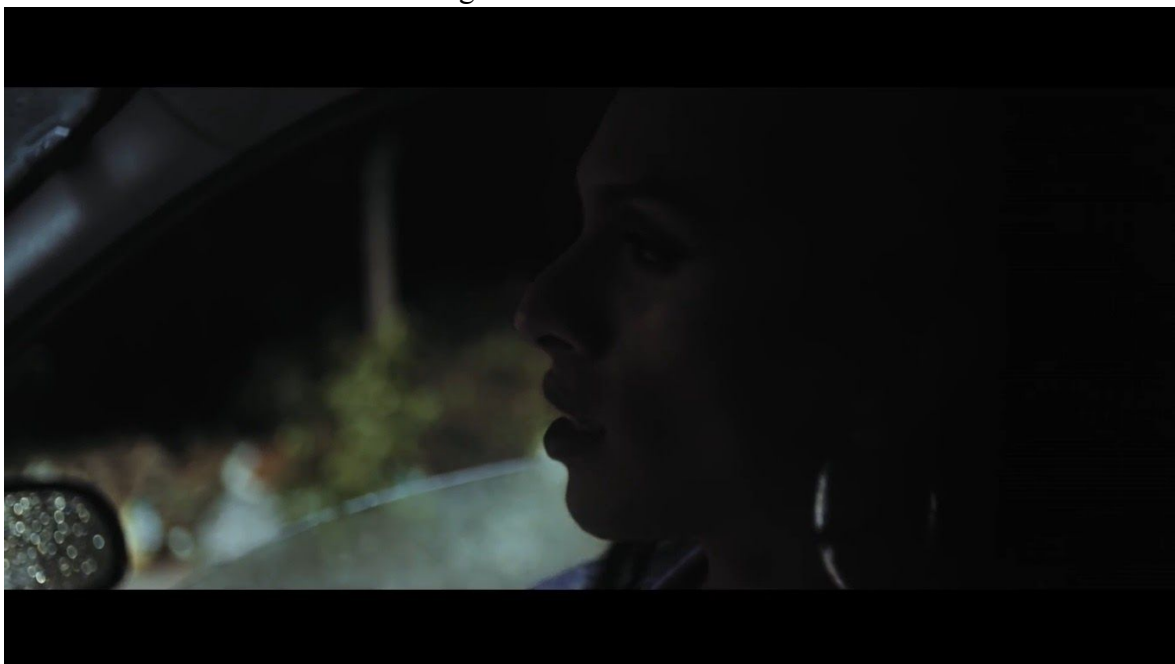
Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Um novo close no rosto da personagem, detalha-se as longas argolas em brilhantes em suas orelhas: “e outra mulher”. A imagem é desfocada e sua voz em segundo plano continua “e outra mulher e mais uma mulher”. A imagem abre então Ela encara a câmera, com seus cabelos ondulados soltos, seu brinco e roupas em brilhantes em destaque. Questiona então “é sempre uma mulher?”. A imagem foca em seus olhos: “É sempre uma mulher?”.

Então, Ela joga seus cabelos, os ombros não estão mais cobertos pela blusa roxa com brilhantes, está de quatro no meio da rua. Novas mulheres aparecem em meio a multidão, e a personagem expressa a dúvida da letra em seu corpo, seus braços estendidos em paralelo

ao corpo perguntam “é sempre uma mulher?”. Segue então a melodia e ela canta: “Ela tem cara de mulher. Ela tem corpo de mulher. Ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o pau de mulher!”

Imagem 8: “dentro do carro”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

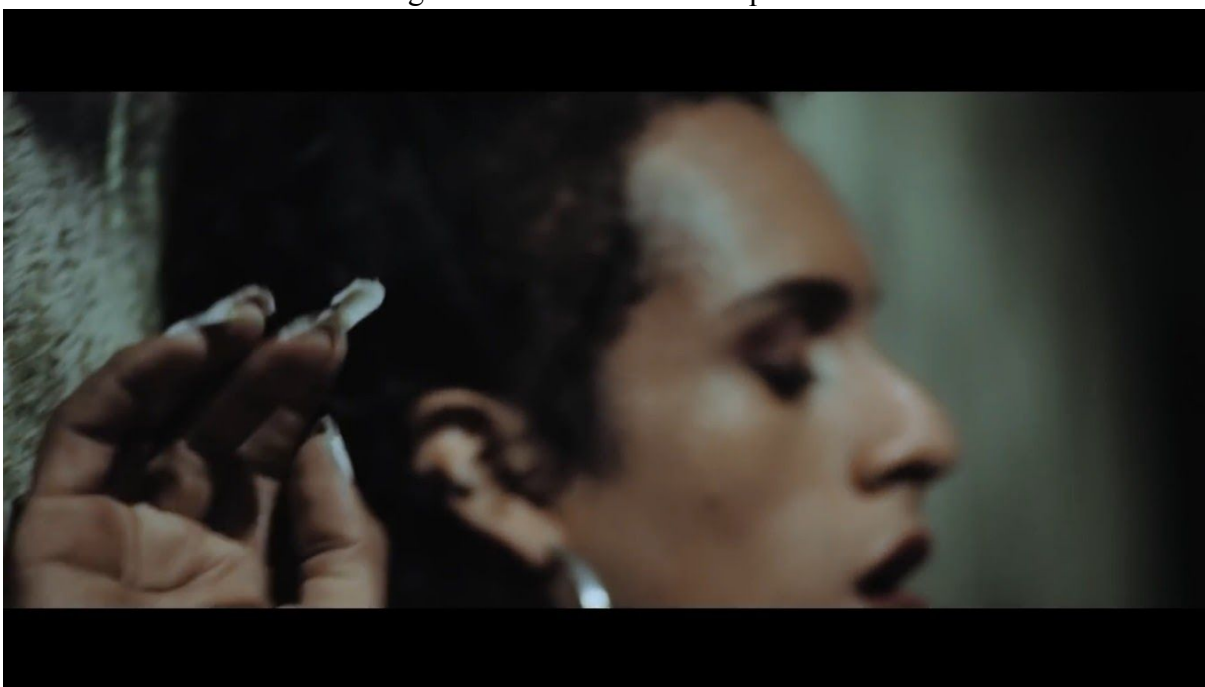
As imagens voltam para dentro do carro com o cliente, Ela sorri enquanto trança o cabelo na ponta dos dedos, quando de repente se percebe assustada olhando pelo parabrisas. A porta se abre, outros dois homens tentam arrancá-la a força de dentro do veículo, Ela se debate e tenta evitar, mas seu “cliente” sai do carro para ajudar os outros homens.

As imagens mudam novamente, mostram o rosto desfocado da personagem, depois passam a um close dos peitos enquanto ela acaricia seus cabelos por entre os dedos com suas longas unhas brancas. Um novo close é dado, desta vez nas axilas com cabelos da personagem. Ao fundo, ouvem-se gemidos de dor e prazer “Aiiii, aiii”. Ela então se põe contra a parede, seus dedos da mão esquerda são esfregados contra a superfície áspera e descem devagar em busca de sua genitália.

Voltamos ao beco, ainda aos sons de gemidos, a personagem tenta lutar contra seus agressores, sons de socos são ouvidos, a câmera então dá um close em sua bunda, onde um dos agressores aperta firme com sua mão direita. A música passa então a dizer: “Afiml, Ela é feita pra sangrar. Pra entrar é só cuspir. E se pagar ela dá para qualquer um. Mas só se pagar, hein! Que ela dá, viu, para qualquer um”.

Ela luta então para tentar escapar das mãos de seus agressores, um deles lhe segura pelas costas enquanto outro, com cabelo enrolado e cavanhaque segura suas pernas. Então o terceiro aparece com o braço em volta do pescoço dela, olha nos seus olhos e então com a mão esquerda tampa sua boca.

Imagem 9: “De costas sobre a parede”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Há uma nova transição, um novo close no rosto da personagem, que canta: “então eu, eu... aiii, aiii”. Agora ela está de costas sobre a parede, e vai descendo levemente como quem perde o controle sobre seu corpo, por fim, está novamente de quatro sobre o asfalto.

“Bato palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar. Bato palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia batalhando conquistar o seu direito de viver, brilhar e arrasar” (LINN DA QUEBRADA, 2017)<sup>33</sup>

A cena volta para as mulheres caminhando pela rua, há uma encruzilhada, então três grupos distintos e heterogêneos formados por estas mulheres se encontram e seguem em uma nova direção, de repente todas param e observam seriamente algo em sua frente. A imagem então muda para a personagem que exalta as travestis em seu canto, levantando as

<sup>33</sup> Trecho transcrito da música “Mulher” de Linn da Quebrada, presente em seu disco lançado em 2017 de nome “Pajubá”.

mãos para o alto e jogando seus cabelos longos para trás, um novo close é dado em seu rosto então enquanto ela canta “viver brilhar e arrasar, viver brilhar e arrasar” ajeita seu cabelo e olha firme para a câmera.

Imagem 10: “a briga”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Voltamos então a cena de agressão, a personagem continua se debatendo tentando livrar-se de seus agressores. Está agora sob o capô do carro, um dos homens tapa sua boca enquanto o outro segura seus braços. Seu rosto é colocado contra o metal do capô, enquanto dois dos homens seguram-na, um terceiro está posicionado atrás dela, como se estivesse preparando para violentá-la.

“Ela é amapô de carne osso, silicone industrial, navalha na boca, calcinha de fio dental. Ela é amapô de carne osso, silicone industrial, navalha na boca, calcinha de fio dental. Ela é amapô de carne osso, silicone industrial. Navalha, navalha, valha. Navalha, navalha, valha. Navalha, navalha, valha. Navalha, navalha, valha. Navalha na boca e calcinha de fio dental” (LINN DA QUEBRADA, 2017)<sup>34</sup>

As mulheres que antes estavam paradas, correm então ao socorro da personagem, aos gritos e com força, arrancam os homens de cima da personagem principal. Uma mulher

---

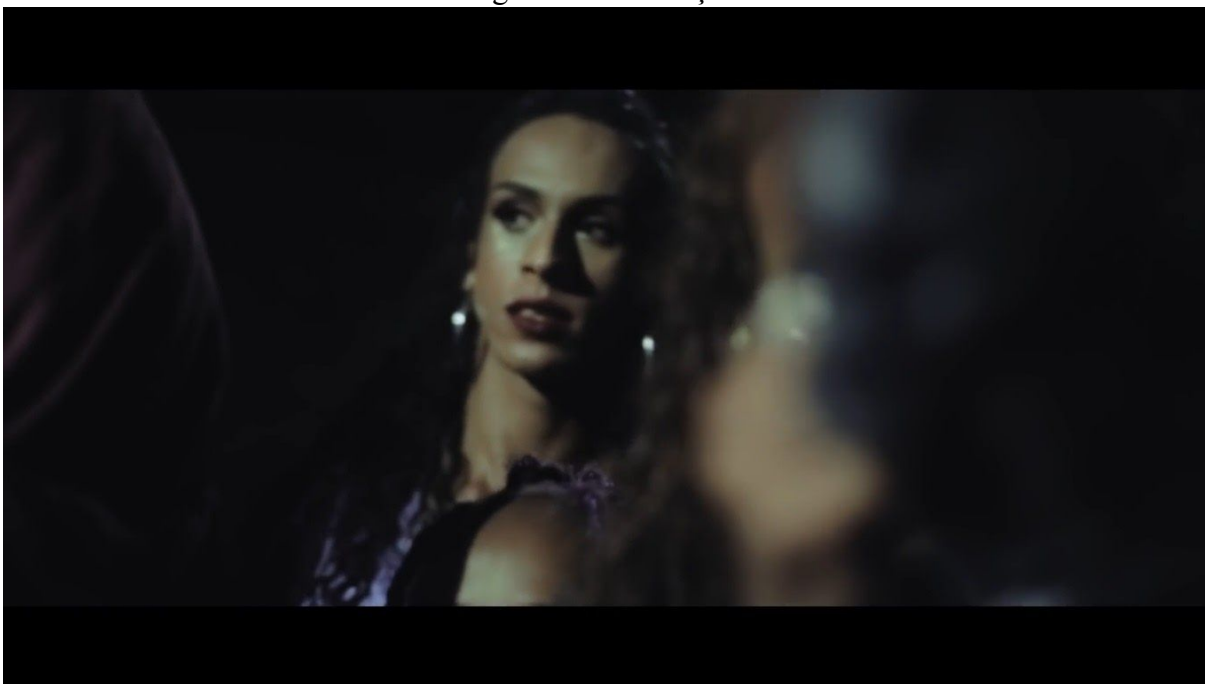
<sup>34</sup> Trecho transcrito da música “Mulher” de Linn da Quebrada, presente em seu disco lançado em 2017 de nome “Pajubá”.

morena, de shorts jeans, sutiã preto e cabelos cobertos com um cachecol violeta é a primeira a retirar um dos homens que dominam Ela.

Os homens se vêem surpresos com a quantidade de mulheres que aparece em socorro a personagem, suas caras demonstram raiva e tentam fortemente se libertar dos braços daquelas mulheres. A mulher com cabelos curtos, crespos e rosa cerra os dentes em direção aos homens, enquanto isso uma mulher negra de cabelos crespos guia a personagem para longe do local de violência enquanto outras mulheres fazem sua proteção.

A imagem volta ao momento em que a personagem está na calçada, encara a câmera enquanto passa sua mão pelo peito e canta “silicone industrial [...]”, a câmera então foca em seu rosto “[...] navalha na boca, navalha, valha, valha”. As imagens voltam ao grupo que protege a personagem, sons de agressões são ouvidos ao longe, as mulheres olham em sua direção.

Imagem 11: “na calçada”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Um grito como de incentivo ecoa, todas correm na direção, enquanto a personagem olha por cima do ombro das que a protegem com cara de surpresa. A música então entra em um novo momento, nas imagens há a personagem principal encostada ao muro da calçada: “Eu to correndo de homem. Homem que consome, só come e some. Homem que consome, só come, fodeu e some. Some, some, some, some, some”.

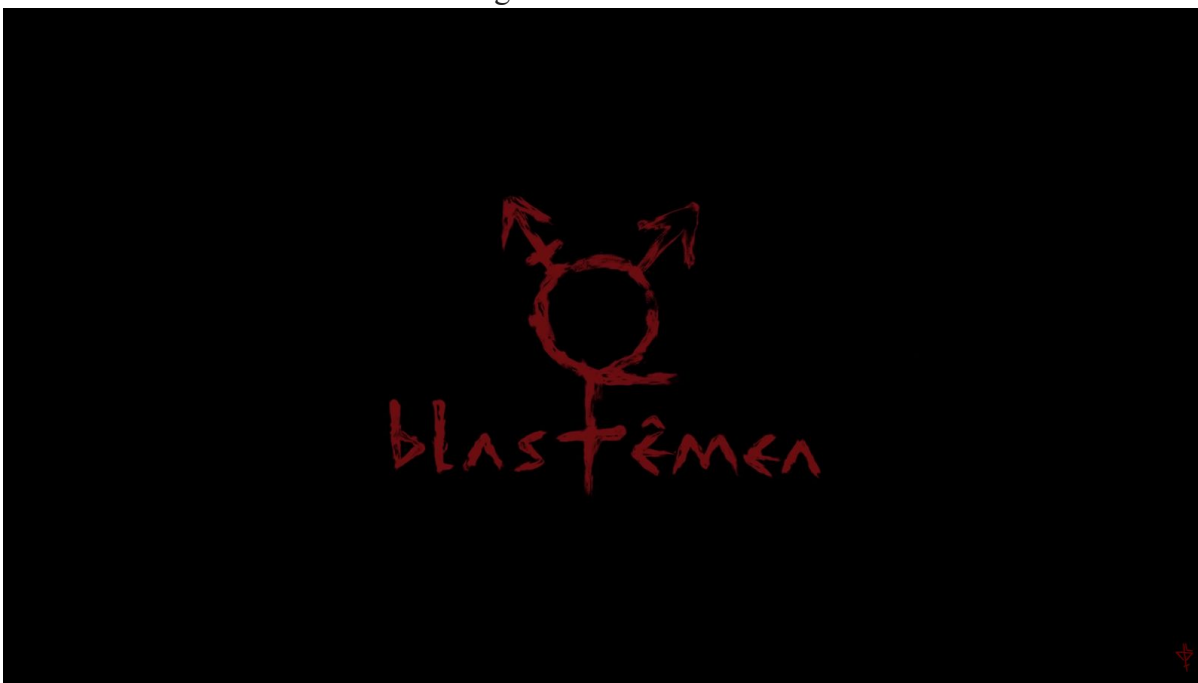
As longas unhas brancas da personagem ganham destaque, enquanto sua mão vai e vem próximo da parede. Ela então recebe o foco, sua expressão é cansada, recosta-se na parede e dá um tropeço para trás. Com as costas apoiadas completamente na parede, gesticula com as mãos enquanto canta: “Eu tô correndo de homem. Homem que consome, só come e some, some”.

Da um sorriso cansado, ajusta então seu sutiã, alinha com os dedos a barra de seu short, a câmera então dá um close em seu quadril, podemos ver então o comprimento do short dela e suas coxas, a imagem sobe lentamente e então a personagem manda um beijo em direção a câmera, desce da calçada e continua a cantar.

A imagem baixa novamente, podemos ver os longos saltos transparentes dela e seus pés com meias brancas vestidas, sua mão direita recebe um close, seu pulso carrega um elástico rosa, suas veias estão saltadas. Um novo close, a personagem encara a câmera e repete firme “some!”, o ângulo muda, agora gesticula com sua mão em sinal de ordem “some!”.

Ela então dá então as costas para a câmera e se afasta enquanto a imagem desfoca e o símbolo da produção toma conta da tela, ele é vermelho como sangue e se destaca no fundo preto que agora toma conta da cena.

Imagem 12: “blasfêmea”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

### 3.3.4. Rompendo com a violência, uma nova forma de vivenciar a realidade.

As imagens voltam, agora todas as personagens estão sob a luz do dia, juntas em um lugar de proteção, afeto e cuidado, corpos apoiados nas paredes recebem cuidados uns dos outros. Mãos com peles de todas as cores se lavam em uma bacia de alumínio cheia de ervas, transportam a água umas para as outras; mãos alinhadas em forma de concha recebem o líquido e então o passam sobre um braço próximo.

Uma mulher de cabelos castanhos e tatuagem de borboleta em suas costas sorri para as demais enquanto passa sua mão molhada nas costas da outra, não há distância entre os corpos, as mulheres cochicham umas com as outras, não se pode discernir o que dizem, abraços são dados, uma mulher de cabelos em dread apoia sua cabeça sobre o ombro de outra, mãos passam suavemente sobre o rosto de uma mulher negra com mexa dread rocha em seu cabelo.

A música então retorna, agora calma e lenta: “Eu to correndo de homem”. As imagens mostram duas mulheres se banhando com as ervas, uma passa a mão sobre o peito da outra, enquanto está, passa o líquido em sua perna. Há uma mulher de longos cabelos negros que escorre o banho sobre as costas de outra mulher.

Imagem 13: “eu to correndo de homem!”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Então todas em uníssono e com sorrisos nos rostos continuam “homem que consome, só come fodeu e some, eu to correndo de homem!”. Palmas ditam o ritmo da música enquanto mãos seguram firme e com ternura uma terceira. As imagens mostram os sorrisos dessas mulheres que seguem cantando e batendo as mãos enquanto a voz da personagem instiga sua cantoria.

O teto deste lugar fica então a mostra, tecidos de várias cores estão pendurados nele, uma samambaia enfeita um dos pilares de sustentação do telhado. A personagem principal tem seu rosto em evidência, grita junto com as demais em euforia, todas aplaudem juntas enquanto sorriem, não há um direcionamento destes aplausos. Seus olhos percorrem os corpos de todas as presentes, o sorriso não deixa seus rostos. A imagem então escurece e sobre o canto acolhedor que remete a um universo de tranquilidade aparecem os créditos.

Descrita toda a obra de Linn, passarei a descrição da obra de Urias, nomeada Diaba, parte do disco da artista que leva seu nome “URIAS”.

### 3.4 Urias - Diaba

#### 3.4.1. Subvertendo a dominação, percebendo seu valor.

O videoclipe inicia com o nome de Urias em dourado aparecendo em um fundo preto, uma calçada vazia é iluminada por uma luz verde que pisca incessantemente, as paredes estão riscadas com grafites, uma lixeira aparece e então ao fundo se ouvem passos, mas não é um simples caminhar, os sons revelam que a personagem usa saltos altos, seu som característico é ouvido constantemente durante o desfilarm dela .

Imagem 14: “um cão de raça”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Um cão da raça Dobermann aparece usando coleira e sobre o controle de uma corrente que se estica para fora de cena. A câmera então filma de baixo para cima e aparece o rosto da personagem principal, olhando fixamente para a frente, vestida com correntes douradas que se enlaçam por seu corpo, cobrindo apenas seus peitos e genitais. O seu nome então é chamado pausadamente “U-ri-assss...”, na última sílaba a ser pronunciada o som remete a uma serpente.

Começa então a música, enquanto a personagem desfila na rua com seu salto-alto, e o cão controlado sob a corrente em sua mão, suspensa no ar aparece a gaiola de um pássaro, portas e janelas estão trancadas, e são poucas os vitrais de onde pode-se ver luzes acesas no interior dos ambientes. A música então segue: “Muito prazer, Eu sou o oitavo pecado capital.

Tente entender, Eu sempre fui vista por muitos como o mal. Não consegue ver? Que da sua família eu sou o pilar principal. Possuo você. Possuir você”.

Uma mulher negra com cabelos vermelhos em dread passa a mão em suas tranças enquanto encara a personagem principal e acena positivamente com a cabeça, longas argolas adornam suas orelhas, e em seu pescoço uma gargantilha de correntes douradas, uma blusa preta tomara-que-caia evidencia seus seios volumosos.

A cena volta a personagem principal desfilando na rua com seu cachorro a frente, desviando sua cabeça das gaiolas penduradas com o olhar fixo à frente, estas gaiolas são feitas em vários materiais e de diversas formas, algumas retangulares, outras arredondadas, algumas do que aparenta ser ferro, outras de madeira.

Imagem 15: “conversam na calçada”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

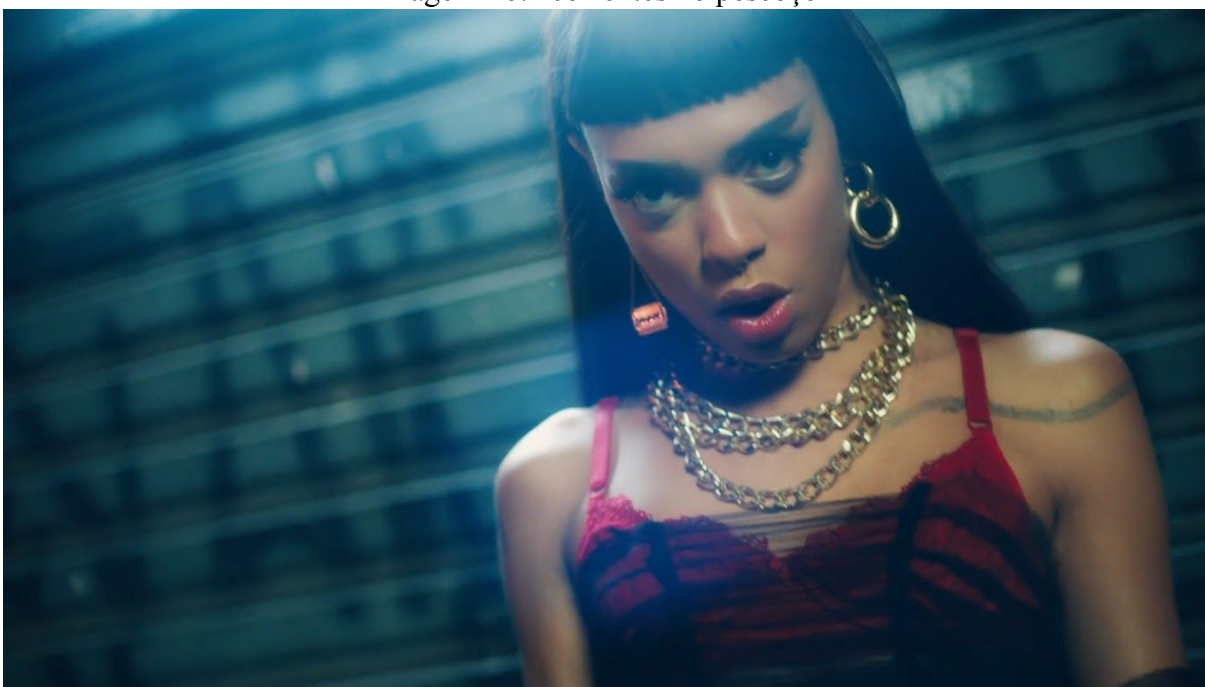
Suponho que sejam mulheres trans, ou travestis que conversam na calçada, ambas negras encaram a personagem principal, uma possui cabelos crespos e volumosos, enquanto a outra possui longos cabelos ondulados. A primeira possui em seu ombro uma grande tatuagem de sereia, enquanto a segunda segura em suas mãos o que aparenta ser uma jaqueta, ambas com gargantilhas em formato de correntes em seus pescoços. Ouve-se então a fala de

Martin Luther King Jr ao fundo: “Our God’s gonna come down and rapture his people and take them up in the sky”<sup>35</sup>.

### 3.4.2. Sensualidade como símbolo de poder.

As roupas da personagem principal mudam, agora está vestida com sutiã e calcinha vermelha, coberta por um vestido de telas que não esconde seu corpo, Ela está na calçada embaixo da luz de um dos prédios, na orelha esquerda possui dois grilhões cruzados, enquanto na direita há uma navalha dourada.

Imagem 16: “correntes no pescoço”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

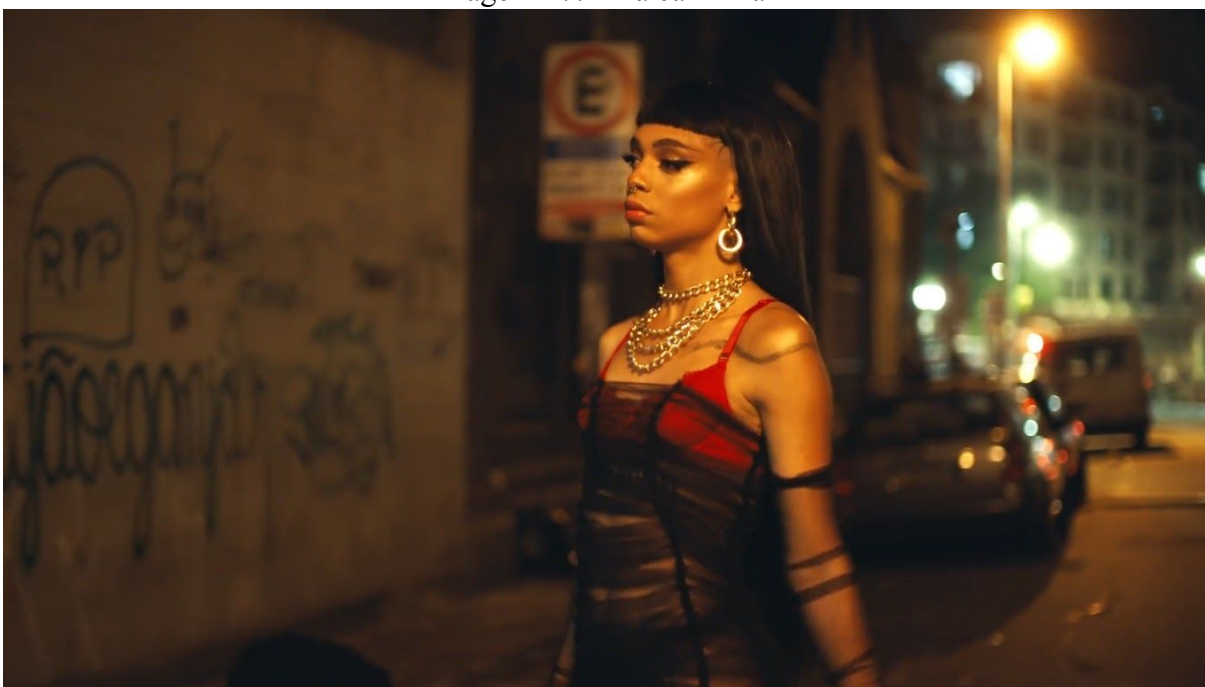
As correntes estão agora em seu pescoço, douradas como os brincos. Um piercing circular adorna seu septo, longos cílios e sobrancelhas grossas destacam-se em sua maquiagem; Ela tira de sua boca uma navalha, levanta o olhar em sinal de superioridade e canta: “Sua lei me tornou ilegal, me chamaram de suja, louca e sem moral. Vão ter que me engolir por bem ou por mal. Agora que eu atingi escala mundial”. Gesticula com o dedo da mão direita enquanto encara a câmera, sua mão vai de um lado ao outro como quem nega algo que lhe é direcionado.

<sup>35</sup> Em tradução livre: Nosso deus vai descer e arrebatá-los para o céu”.

A música segue: “Navalha debaixo da língua, tô pronta pra “briga”. Navalha de baixo da língua”. Durante a pronúncia de “língua”, sons de tiros são ouvidos, levanta e abaixa a cabeça sem perder o olhar sério ao ritmo destes. Guarda novamente a navalha na boca enquanto encara a câmera e Martin Luther King Jr volta a falar: “Somebody's gonna have to tell the truth and I'm gonna tell it!”<sup>36</sup>.

Há uma quebra na música, ao fundo se ouve uma pequena melodia ritmada que lembra muito sons de elevador, a personagem principal então caminha com seu salto-alto em direção a um bar, onde pode-se observar uma mulher sentada conversando com um homem enquanto todas as outras mesas são ocupadas por homens que bebem sozinhos ou conversando com outros.

Imagem 17: “Ela caminha”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Todos os demais estabelecimentos daquela quadra estão fechados e com as luzes apagadas, a única luz branca que preenche a rua vem do bar. Ela caminha então num tom sério e altivo encarando os homens que estão ali presentes, seus longos cabelos alcançam a cintura, há vários carros parados ao longo da via. Uma das mesas está em seu caminho, então a personagem principal lança está longe com um gesto, um mover das mão que indicam que Ela na verdade tem super-poderes como os de uma heroína, como nas histórias em quadrinhos da Marvel ou DC Comics.

---

<sup>36</sup> Em tradução livre: “Alguém vai ter que dizer a verdade, e eu vou dizer!”.

Uma segunda mulher está apoiada no balcão do bar, quando a personagem se aproxima todos os homens olham em sua direção, as duas mulheres que já estavam ali se retiram imediatamente do local, numa atitude de respeito, a uma personagem importante que está chegando no lugar.

O homem negro de camisa branca, cuja mesa foi arremessada, se levanta e olha para para a personagem com um olhar de surpresa, ainda segurando o seu copo de cerveja numa das mãos. Ela então estica o pescoço despreocupada com seus olhos fechados e cotovelos apoiados sobre o balcão do bar.

A música volta acelerada, as luzes antes estáveis começam a piscar e como por influência dos poderes da personagem principal, todos os homens do bar começam a se agredir. Outro homem negro se libera dos braços dos outros e tenta alcançar a personagem, e Ela segura de si, apenas observa este ir ao chão após ter uma garrafa de cerveja quebrada em sua cabeça por um outro sujeito. A personagem fala repetidamente ao ritmo da música: “Diaba”.

Imagem 18: “ no balcão”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Em nenhum momento, qualquer um destes homens alcançam a personagem ou lhe causam o mínimo de preocupação. Ela continua firme, encostada no balcão, na parte de dentro do bar, como que protegida por uma redoma invisível, gerada por seus super-poderes. Tudo isso enquanto os homens se agredem continuamente bem na sua frente, numa espécie de briga

generalizada, um destes homens vestido com moletom esportivo soca sem parar o que está caído no chão, outro homem chega e então derruba o que estava socando o primeiro e começa a pisar neste.

A câmera muda, a personagem principal esboça um sorriso, as luzes continuam a piscar e refletem em suas gargantilhas e brincos dourados, suas unhas brancas e pontudas destacam-se no preto de seu vestido. Enquanto os homens continuam a se agredir, cães são ouvidos latindo ao fundo. O Dobermann que acompanhava a personagem principal volta a aparecer latindo para os homens, enquanto estes não conseguem adentrar o espaço do balcão do bar, a personagem olha calmamente para a sua esquerda e a voz de Martin Luther King volta a falar: “You gotta no truth, cause the truth wont set you free”<sup>37</sup>.

O guitarrista aparece ao fundo, vestindo calça, camisa e chapéu preto, é o único homem a não participar da agressão coletiva. As imagens dão foco então ao rosto calmo da personagem, que alonga relaxadamente seu pescoço com as correntes e brincos em evidência, na parede de azulejos brancos pode-se ler em uma placa vermelha a palavra “Bar”, as luzes continuam piscando. Um close é dado então diretamente no rosto da personagem, a imagens vão se afastando mostrando o bar por inteiro e o corpo da personagem que vai abrindo os braços enquanto canta: “Não sou nova aqui, não te peço licença. Sua permissão nunca fez diferença. Com toda educação, Foda-se sua crença. Foda-se sua crença”.

Imagem 19: “Foda-se sua crença”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

---

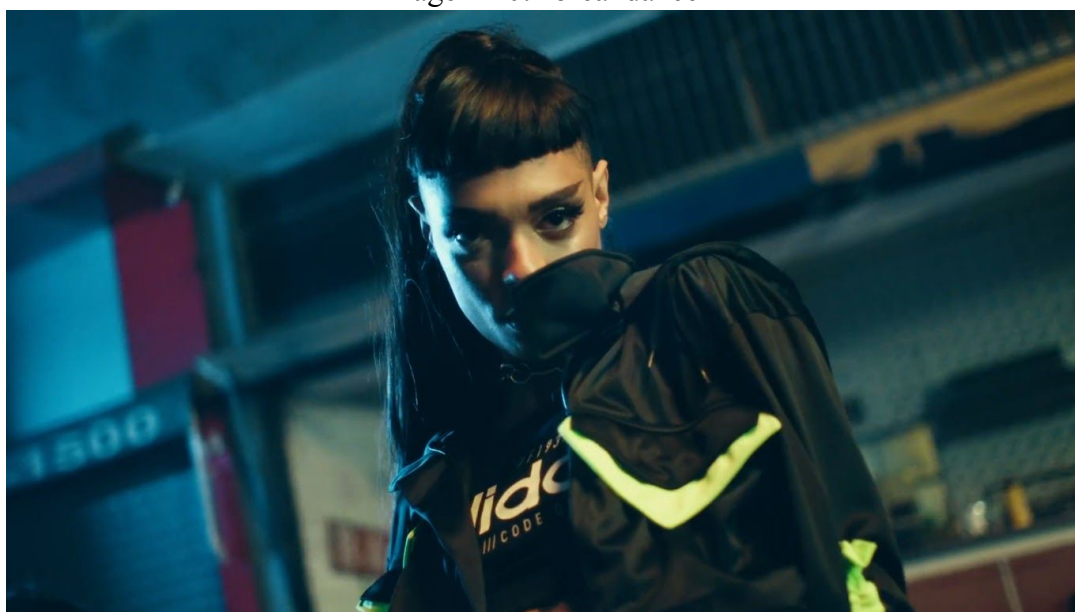
<sup>37</sup> Em tradução livre: “Você não tem a verdade. Porque a verdade não te libertará!”.

Com os braços abertos e todos os homens próximos à Ela tentando alcançá-la, seus super-poderes os impedem, mantendo-os afastados em uma distância uniforme. A imagem fica então em câmera lenta, os homens mais longe carregam cadeiras e garrafas para atacar os que estão mais próximos da personagem. Um homem com cabeça raspada e barba, vestindo jaqueta jeans segura outro pela camisa e então quebra em sua cabeça uma garrafa de cerveja. Pode-se ver o sangue, o homem agredido vai então ao chão levando a mão a cabeça de encontro ao sangue que brota de seu corpo.

O guitarrista então faz seu solo, enquanto a personagem volta a fechar os olhos em total despreocupação e as luzes do bar continuam piscando. A imagem alterna entre o guitarrista, a personagem principal e os homens se agredindo. Ela olha com satisfação para fora do bar, seus lábios vermelhos reluzem com a luz piscante, um homem de camisa branca vai ao chão. Ouve-se então: “who is light on the dark?”<sup>38</sup>.

Após o questionamento, a personagem não está mais dentro do bar, mas sim em sua frente, os homens desaparecem de cena e restam apenas três mulheres e um homem que se posicionam ao redor dela. Nessa nova cena, as roupas dela mudaram, agora veste roupas esportivas pretas, um casaco aberto deixa evidente sua blusa curta que expõe a barriga, um short curto e longas meias pretas. Juntos então dançam no estilo “breakdance”<sup>39</sup>, as tatuagens na perna da personagem principal ficam em destaque nesse momento.

Imagem 20: “breakdance”



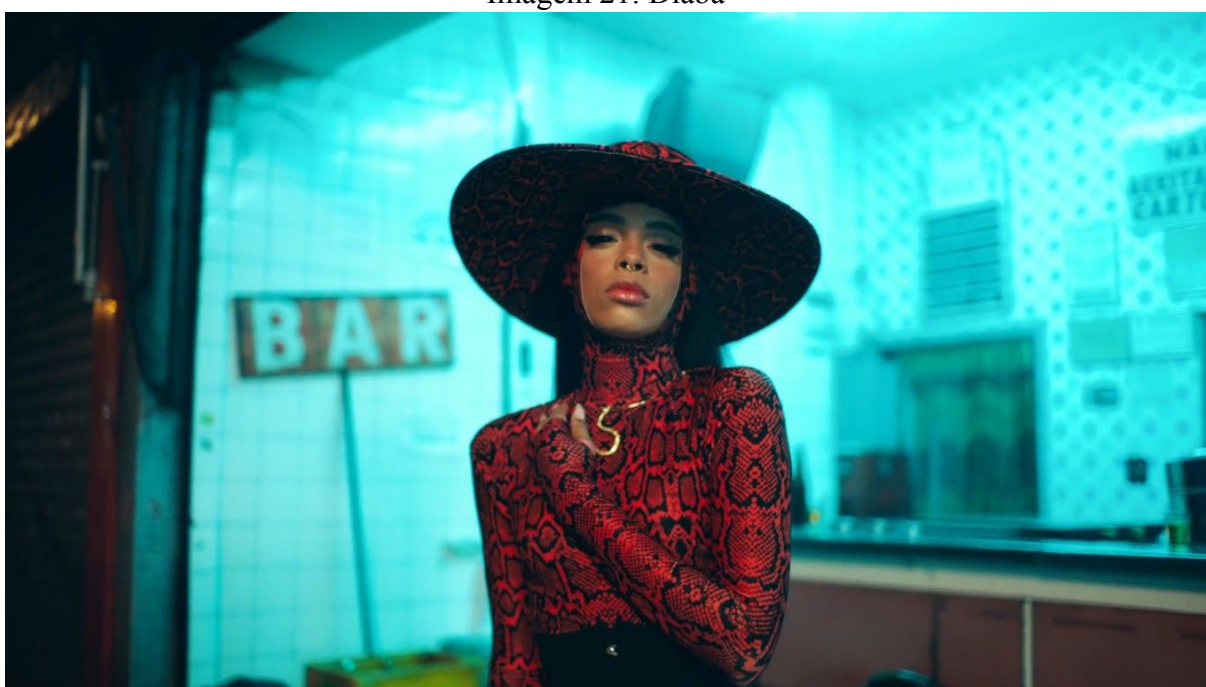
Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

<sup>38</sup> Em tradução livre: “Quem é a luz na escuridão?”

<sup>39</sup> Estilo de dança criado por afro-americanos e latinos em Nova York, Estados Unidos, como parte da cultura do hip-hop.

A música então retorna com os quatro acompanhantes dela agachados girando ao seu redor, ela canta enquanto gesticula com as mãos os sons dos tiros: “Navalha debaixo da língua, tô pronta pra briga. Navalha de baixo da língua”. Seus corpos entram em sincronia na dança, a luz do bar que antes era branca e piscava agora se mantém constante e verde, ouve-se então: “Diaba”. A música então encerra com uma finalização abrupta, a personagem principal ganha o destaque enquanto oculta parte do seu rosto com a gola do casaco e nos encara fixamente com o olhar de superioridade.

Imagem 21: Diaba



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

A imagem então escurece e volta com a personagem dentro do bar, sua roupa mudou novamente, agora vermelha com escamas pretas como de uma serpente, suas longas mangas cobrem até os pulsos, a lateral de rosto também é coberta. O piercing em seu septo agora é dourado e eu formato de meia lua, em seu pescoço um grande medalhão dourado em formato de cobra, um longo chapéu com a mesma estampa da roupa cobre sua cabeça, uma cinta preta com três botões dourados marca sua cintura. Ela caminha então por sobre o vidro, com seu olhar fixo a frente, e os seus longos cabelos balançando soltos, a obra então chega então a seu fim.

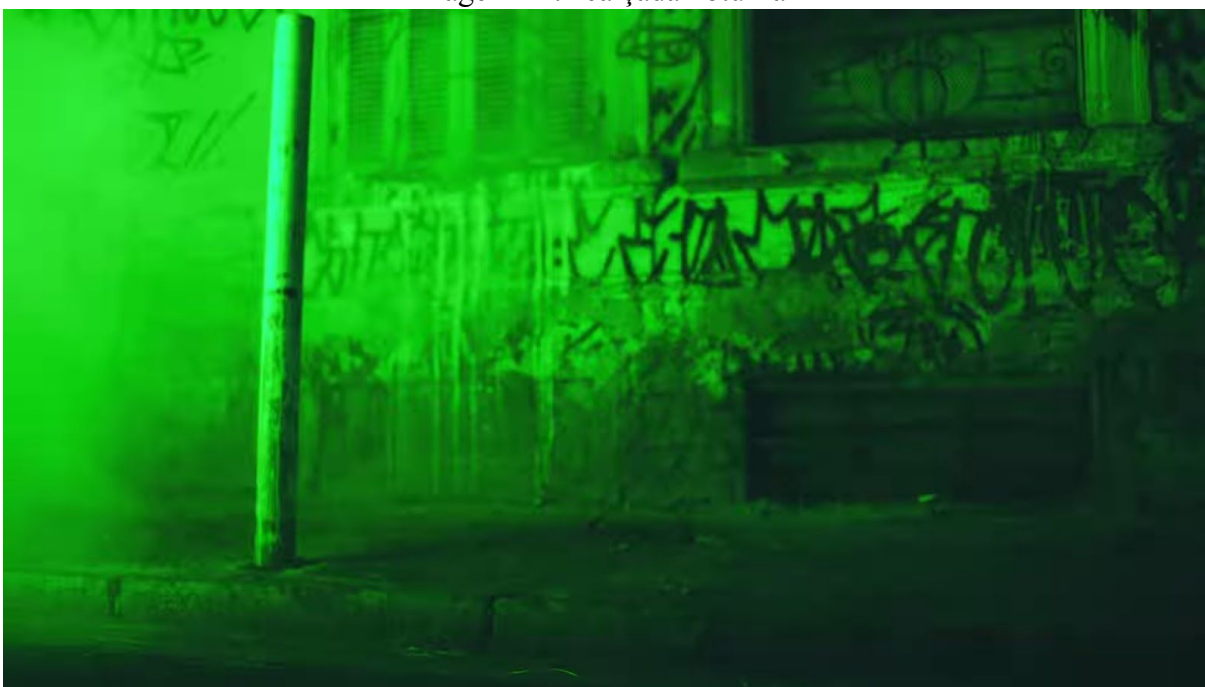
Partirei agora então, para a análise das obras, lembrando sempre que a percepção sobre os debates presentes nestas podem ter configurações diferentes dependendo de quem

faz as observações e qual a sua carga teórica para tal análise. Escrevo este trabalho do ponto de vista de um homem negro, homossexual, poliafetivo e cis-gênero, longe de mim querer tomar o protagonismo sobre a luta das pessoas trans, mas utilizarei meu local enquanto pesquisador para fomentar discussões acerca do tema e possibilitar assim que outras minorias com as quais simpatizo possam falar através de mim.

#### 4. “QUEM É A LUZ NA ESCURIDÃO?” - A DIABA SE MANIFESTA.

Neste momento farei a análise dos cliques, entrelaçando os temas propostos ao longo da obra de Linn e a de Urias. Esta análise será referenciada com ajuda dos conceitos que são trabalhados ao longo das obras de forma não explícita. Lembrando sempre que a presente proposta se baseia na minha carga teórica enquanto escritor deste trabalho, podendo ser percebidos novos debates a partir do olhar de outro sujeito que interprete tais obras com de seu lugar de fala enquanto sujeito social produtor de agências específicas.

Imagem 22: “calçada noturna”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Ambas as obras começam no mesmo lugar, a calçada noturna. Encobertas pelas trevas estão os monstros de uma sociedade excludente, de um lado o “sofrimento” materializado no corpo de Linn, sua caminhada é ao encontro do despertar pela consciência através desse sofrimento. Enquanto Urias é a uma “entidade suprema” que se manifesta com todos seus poderes conhecidos.

Analogamente poderíamos dizer que Linn é como a heroína que ganha seus poderes depois de algum evento que a contempla com eles. Enquanto Urias é a entidade que se manifesta na terra, consciente de todos os seus poderes e de como utilizá-los. Pensando o tempo de publicação entre as duas obras, Linn em abril de 2017 e Urias em agosto de 2019,

podemos dizer que uma vem ser a sucessora da outra. Linn começa o movimento de transgressão, seu sofrimento é o estopim para a ruptura total de um povo que habita as ruas noturnas, passando então a produzir novas formas de se estar e vivenciar a noite. Urias é o produto deste movimento, seus poderes estão a toda, produzindo as consequências do que Linn inicia. Pensando em ambas como heroínas, protagonistas de suas histórias e que ocupam lugares distintos no tempo de sua sociedade, ambas nos falam sobre protagonismo. Assumem a posição principal de suas histórias, trabalhando e modificando as demais vivências com as quais tem contato direto.

Há aqui o que Ribeiro (2018) chama de lugar de fala, especificamente sobre o protagonismo no que diz respeito a contar e problematizar suas próprias histórias e verdades. Pensar o lugar de quem pode falar, também é de certa forma transformar o lugar de escuta, uma vez que não se silenciam verdades subjetivas, possibilitamos a compreensão de múltiplas realidades que coexistem e produzem o social. Ambas as artistas e personagens entendem o lugar ao qual pertencem, entendem a importância de suas histórias e de utilizarem os locais que tem acesso para discutir e evidenciar suas experiências, isso abre espaço para novas formas de discutir suas realidades, uma vez que não é o “outro” que fala delas, mas sim elas falando sobre si mesmas..

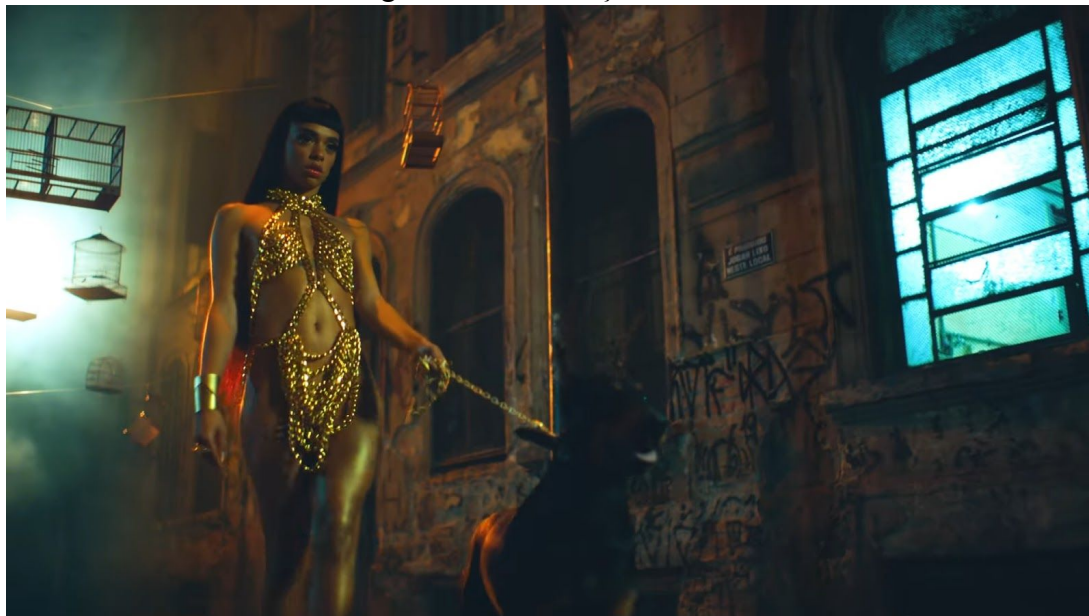
“Nesse diálogo, que também se refere a protagonismo, capacidade de escuta e lugar de fala, façamo-nos as perguntas: Que histórias não são contadas? Quem, no Brasil e no mundo, são as pioneiras na autoria de projetos e na condução de experiências em nome da igualdade e da liberdade? De quem é a voz que foi reprimida para que a história única [...] virasse verdade?” (RIBEIRO, 2017, p.22)

Imagem 23: “Mulheres cruzam a cidade”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

Imagem 24: “introdução de Urias”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Quando penso na questão de protagonismo, lembro do caminho atravessado pelas mulheres que cruzam a cidade em busca de Linn, seus locais de início desta travessia são os mais distintos, assim como as gaiolas que se fazem presentes na introdução de Urias. De certa forma, imagino as mulheres como os pássaros que viviam presos nestas gaiolas, suas vivências atravessam o tempo e produzem no presente a agência do passado. Acredito ainda que a interseccionalidade de Akotirene (2016) é representada no trabalho de Urias através destas, uma vez que as mais diversas formas e materiais com os quais são feitas podem simbolizar as múltiplas formas de experienciar o cruzamento entre as questões de raça, gênero, classe social e etc.

“[...] A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>40</sup> - produtores de avenidas identitárias onde mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. (AKOTIRENE, 2018, p.14)

---

<sup>40</sup> Definirei esta categoria com as palavras de Akotirene (2018, p.112): “O patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres. É reforçado pela religião e família nuclear que impõe papéis de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, informadas pela noção de homem e mulher biológicos, sendo as pessoas cisgêneras aquelas não cabíveis, necessariamente, nas masculinidades e feminilidades duas hegemônicas. A despeito do gênero atribuído socialmente, pessoas não-cis estão fora da identificação estética, corpórea e morfo-anatômicas instituídas.[...]”.

Imagem 25: “as correntes que controlam”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Urias surge como consequência do passado, da obra de Linn, é consciente do seu dever enquanto agente transformador de sistemas, seus poderes levantam as correntes que controlam os “machos”<sup>41</sup> e então faz com que esses se auto destruam, as correntes que prenderam seus antepassados e irmãs agora fazem parte de seu uniforme de heroína, a cor dourada remete ao ouro que lhe dá valor e contribui para que esta já não possa mais ser ocultada na escuridão.

---

<sup>41</sup> Utilizo a categoria “macho” para indicar o homem que se enquadra no padrão exigido e construído em cima da heteronormatividade, e segundo Petry e Meyer (2011, p.196), “pode-se compreender o termo heteronormatividade como aquilo que é tomado como parâmetro de normalidade em relação à sexualidade, para designar como norma e como normal a atração e/ou o comportamento sexual entre indivíduos de sexos diferentes”.

Imagem 26: “o poder de Urias”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

O poder metamórfico de Urias é a evolução das falas de Linn, onde características gerais de seu corpo vão mais além do que somente transgredir as definições de homem e mulher, carregam em si o poder de “atiçar” o desejo e o ódio, como o combustível alimenta uma chama. Esse poder de transformação do corpo é iniciado quando Linn em sua obra, canta sobre ter “pau de mulher”<sup>42</sup>.

Linn chama atenção para o pênis como forma de criticar esse marcador biológico do que se considera “ser homem” ou “ser mulher”. Uma vez que a genitália masculina faz parte de um corpo feminino, ela transgride “cistemáticas” que o utilizam como marcador máximo do “ser macho”. Entende o corpo então como constructo<sup>43</sup> do entendimento social, as características masculinas e femininas são ressignificadas a todo momento.

<sup>42</sup> 11º parágrafo da subseção 2.3.3 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>43</sup> Constructo no sentido de produção subjetiva do meio. Uma vez que “ser” algo, envolve se adequar ao entendimento coletivo, ressignificar definições pré concebidas é ressignificar a si mesmo como um todo.

Este corpo em desconstrução<sup>44</sup> afirmado por Linn<sup>45</sup> é o processo que resulta em Urias, uma vez que a primeira carrega as marcas do sofrimento e da exclusão que é forçada sobre os corpos de suas iguais e usa a força que resulta destes para propor uma separação total entre o sistema que opera sobre suas individualidades, empurrando e condicionando-as a ocuparem somente a escuridão noite.

Podemos pensar as símbolos que destacam-se no uniforme de Urias enquanto heroína, como marcadores de diferença por experiência. Seus poderes vem dessa experiência, que assim como nos videogames é utilizada para modificar e somar novas habilidades aos heróis. Brah (2006) diz que a experiência é um agente modificador e ressignificador daquilo que chamamos de “realidade”, seriam então estes símbolos presente nas roupas de Urias uma forma de diferenciá-la das demais como uma Sujeita<sup>46</sup> dotada de consciência histórica e cultural de suas iguais, uma agente modificadora de realidade cujos poderes vem de sua ancestralidade e das vivências de todas as suas ancestrais.

“[...]De fato, “experiência” é um processo de significação que é a condição mesma para a constituição daquilo a que chamamos “realidade”. Donde a necessidade de re-enfatizar uma noção de experiência não como diretriz imediata para a “verdade” mas como uma prática de atribuir sentido, tanto simbólica como narrativamente: como uma luta sobre condições materiais e significado”. (BRAH, 2006, p. 360)

Imagem 27: “mulheres que resgatam”



Fonte: videoclipe Blasfêmea - Linn da Quebrada

<sup>44</sup> Desconstrução da oposição do binarismo de gênero, abrindo novas possibilidades para que se “compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um polo que se contrapõe a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas”. (LOURO, 2004, sp)

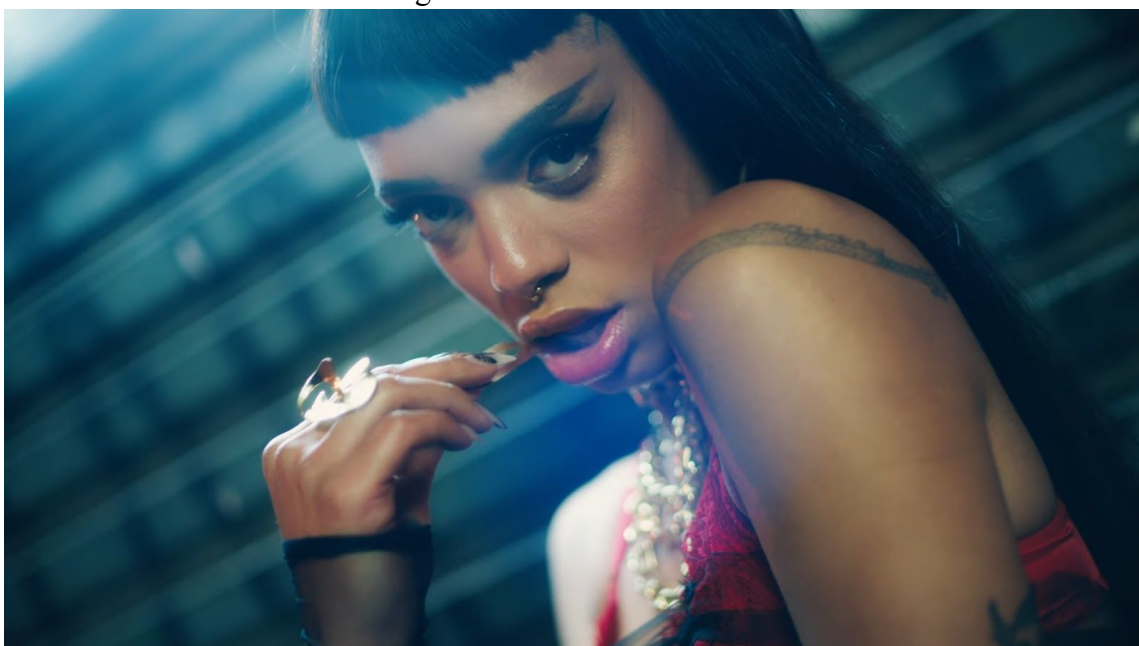
<sup>45</sup> 3º parágrafo do item 2.3.2 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>46</sup> Optei por não utilizar sujeito no masculino, mas reinvento o significado de sujeita, que segundo o dicionário seria uma forma pejorativa de se referir a uma mulher.

Quando estas mulheres que resgatam Linn saem da escuridão e vão para a luz do dia<sup>47</sup>, propõe e constroem novas formas de se relacionar e vivenciar as afetividades. A ideia de coletivo se instala sobre Elas e então partem a proposição dos novos valores, as opressões que antes lhes objetificavam e dominavam são abandonadas, pois já não fazem mais sentido em sua nova realidade. Passam então a um universo de afetos e cuidados, entendimento e exaltação das diferenças.

Desta união das Amazonas<sup>48</sup> na obra de Linn, nasce uma comunidade, a qual poderia chamar de “Temiscyra, a ilha paraíso”, em referência ao lar das Amazonas no universo de super heróis das histórias em quadrinhos da DC Comics, construída somente por mulheres, onde todas tem suas funções baseadas em suas habilidades e diferenças, e ainda assim exímias guerreiras. Ao momento da manifestação terrestre da entidade diabólica e heróica de Urias, é como se ela viesse desse mundo de afeto e acolhimento para o enfrentamento. Ela não se deixa domar, controla seu cão com as correntes do poder, douradas como o laço da Mulher Maravilha, que domina e controla a mente do animal que segue suas ordens.

Imagem 28: “entidade diabólica”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

---

<sup>47</sup> 1º parágrafo do item 2.3.4 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>48</sup> Mulheres guerreiras da mitologia grega. Também retratadas como uma nação inteiramente formada por mulher no Universo Cinematográfico e das Histórias em Quadrinhos da DC Comics, são o povo originário da Mulher Maravilha.

Urias metamorfoseia-se em suas ancestrais<sup>49</sup>, traz a navalha que antes era usada para defesa como arma de ataque, ela está pronta para a briga, seus opressores sentiram a sua força e serão obrigados a “engoli-la” uma vez que Ela não é mais Uma, mas uma legião de mulheres encarnadas em seu corpo.

Essa arma ancestral tem seus registros no trabalho de Kulick (2008) intitulado “Travesti: Prostituição. Sexo, Gênero e cultura no Brasil”. A navalha que segundo relatos dos policiais da época, eram usadas para agredir e roubar os outros, na verdade eram usadas para provocar auto-mutilações de forma a cessar as agressões que estas sofriam. Fazer o sangue jorrar e assim causar medo nos seus agressores era o objetivo primário das travestis que sempre andavam com posse de uma navalha ou objeto cortante.

“As travestis continuam relativamente vulneráveis à brutalidade policial. No passado, a reação mais eficaz consistia em abrir um corte na veia do antebraço e borrifar o próprio sangue no policial. Elas têm a preocupação de manter uma gilete escondida em alguma parte do corpo, sempre. Algumas vezes a lâmina desliza entre o lábio superior e os dentes, ou então é cuidadosamente alojada na bochecha. Quando são presas sem gilete à mão, tenta usar qualquer coisa cortante que encontrem pela frente. Certa vez me contaram a história de uma travesti que teria quebrado a tampinha plástica do frasco de esmalte, utilizando o caco para escarificar o braço. O policial recuou ao vê-la empapada em sangue, e ela conseguiu escapar da delegacia antes de ser posta no xadrez. A auto mutilação (que as travestis chamam simplesmente de “se cortar”) é uma prática que se originou antes da epidemia de Aids (Oliveira,1994: 148-149, Mott & Assunção, 1987). Entretanto, desde que ficou claro que o HIV é transmitido pelo sangue, “se cortar” passou a ser um meio ainda mais eficiente de se livrar da polícia e da cadeia”, (KULICK, 2008. p. 50)

---

<sup>49</sup> Penso ancestralidade como a história e sabedoria fruto das experiências e vivências de outras mulheres.

Imagem 29: “heroína, ou anti-heroína”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Ainda considerando Urias como uma heroína, ou anti-heroína<sup>50</sup>, Linn como sua predecessora seria como Zeus que presenteia a Mulher Maravilha com os braceletes e o laço. Só que Urias usaria suas correntes - o laço da verdade - para destruir o mal, um de seus poderes assim como da heroína dos quadrinhos, seria o de induzir e controlar seus subjugados. Mas Ela iria além, suas correntes não seriam apenas materiais, mas também sociais. Uma vez que o medo não faz parte da vida e muito menos de “seu vil vocabulário”<sup>51</sup>, ela suspende as correntes sociais que seguram os homens em uma espécie de harmonia, fazendo com que estes se destruam. Ao mesmo tempo que os mantém presos, sob seu controle em uma espécie de redoma, ou como se estas correntes os segurarem por seus pés, impedindo-os de alcançá-la<sup>52</sup>.

Urias conhece o medo, pois carrega consigo os símbolos do passado de suas “irmãs de rua”. Ela sabe o que sentiu Linn ao ser arrancada do carro<sup>53</sup> pelos homens que seriam seus clientes e que queriam de todas as formas dominá-la e submetê-la aos seus

<sup>50</sup> É o protagonista que não possui as virtudes ou limitações morais do herói. Não são 100% bons, nem 100% maus, com algumas práticas questionáveis quando os colocam em comparação com os heróis.

<sup>51</sup>5º parágrafo do item 2.3.2 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>52</sup>9º parágrafo do item 2.4.2 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>53</sup>12º parágrafo do item 2.3.3 do Capítulo 2 deste trabalho.

desejos e ódio. Mas se mantém firme e calma entre seus agressores pois sabe que seus poderes a manterão segura e destruirão seus oponentes. ,

Imagem 30: “a chegada”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Quando Urias chega ao local, destaca-se logo de cara deixando claro seus poderes<sup>54</sup>, o que faz com que outras mulheres prevendo o que acontecerá, saiam dali imediatamente. Seu corpo é a representação física de tudo aquilo que uma sociedade racista e sexista quer ocultar, o destaque em local de domínio deste “homem” é um algo que precisa ser extirpado para que as coisas voltem ao estado inicial, onde seus opressores se sentem confortáveis e seguros. Penso o seu poder de auto-proteção como resultado de um “legado de auto-cuidado” proposto por Santana (2016), a segurança que estes poderes garantem a Ela é fortalecido pela história de todas as mulheres que na obra de Linn, rompem com uma sociedade de violências e iniciam uma nova, que neste capítulo chamei de Temiscyra, a cidade das mulheres guerreiras.

“[...] E se víssemos o legado de auto-cuidado como cerimônia, de trans-auto-formar-se como sagrado para nossas vidas, da criatividade na formação de uma estética cuja beleza nós atribuímos sentidos no ritual de celebração de nós e daqueles que caminham conosco/atraves de nós? Eu falo de memória e sua relação com ancestralidade na construção de Negritude não como conveniente reducionismo da contribuição folclórica para a identidade de um Estado-Nação genocida de negros, mas como uma

<sup>54</sup>5º Parágrafo do item 2.4.2 do Capítulo 2 deste trabalho.

memória em que a noção de ancestralidade está intimamente ligada as nossas formas de luta, as formas encarnadas de saber e aprender, de auto-coletivo-cuidado, a busca de beleza na ritualização do nosso corpo e dia-a-dia, e também na nossa (espetacularizada) dor e alegria. Como mulher negra trans, tenho experienciado conhecimento por histórias, pela tradição oral, acadêmica e virtual de outras mulheres negras (trans e cis)[...]”. (SANTANA, 2016, sp)

Urias carrega consigo a força de todas as mulheres que correram ao encontro de Linn para ajudá-la, mulheres que se encontram no cruzamento dos sistemas de opressão que Akotirene (2018) chama de interseccionalidade, o ponto em que estes sistemas se cruzam e avançam sobre os corpos oprimidos. Ela é o símbolo único que representa a pluralidade de subjetividades que se encontram sob o marcador da raça e do gênero, raça esta que Brah (2006) considera como “um marcador inerradicável de diferença social”.

Imagem 31: “destruição”



Fonte: Videoclipe Diaba - Urias

Em sua obra, Linn nega e rompe com tudo de “ruim” que a “escuridão” trouxe para sua vida, quando manda o “homem” sumir, é sua forma de mandar o “mal” que aflige seu povo sumir junto com ele. Já Urias, não quer apenas romper com todo o sofrimento e dor que se fizeram presentes na sua vida e na de suas iguais, quer destruí-lo. E com seus poderes

faz com que todos os homens no local se “destruam”<sup>55</sup>, tirando desta destruição experiência e forças para novos embates.

Os momentos finais das duas obras por mim aqui analisadas terminam de maneiras distintas. Linn propõe um local novo, Temiscyra, que surge com o abandono da escuridão e da presença do “homem” heteronormativo. Local este que dá origem e sustenta os poderes da Diaba/Urias. Esta entidade manifesta não quer somente proteger e cuidar, ela quer erradicar o “mal” sobre a terra. E sua metamorfose final em serpente - aquela do “pecado original”, que corrompe a criação do deus cristão<sup>56</sup> - demonstra que assim como os heróis dos quadrinhos e desenhos animados, que ela atingiu um novo patamar de poder com a experiência acumulada de sua luta. Parte então, por cima dos destroços de seus inimigos, para seu próximo desafio, “destruir” a “perfeição” de uma sociedade que mata e silencia corpos dissidentes.

Gostaria de colocar aqui, uma citação de Santana (2016), sobre a simbologia que implica a tentativa de destruir e apagar corpos femininos negros e toda a história e representatividade que estes carregam consigo.

“[...]O ataque a mulheres trans negras é um legado anti-negro escravocrata frente ao potencial destruidor de sistemas opressores que nosso ser representa. Que forma mais estratégica de destruição de populações que lutam contra racialização/sexualização/imposição de forma binária de gênero do que atacar corpos que resignam [sic] todas essas construções? Mas nosso corpo ainda lembra do legado de tratar traumas nas nossas diferentes formas de transição, para nós e para aqueles que transicionam conosco. Muitas de nós ainda encontram nas ondas das mensagens-mar esse poder de sarar o trauma; outras encontram nas ondas digitais o poder de sarar o trauma; outras encontram na linguagem do nosso corpo e de nossas palavras o poder de sarar o trauma. Seja qual for nossa maneira de compartilhar as memórias, nossos corpos ainda lembram”. (SANTANA, 2016, sp)

Penso essa citação como a abertura de uma possibilidade para se pensar o corpo e as formas de sarar os traumas infligidos a este através do tempo por uma sociedade que não faz questão de abandonar um legado racista que permanece em seu meio desde a escravidão e produz a todos os momentos morte. Sejam corpos negros, “gays”, “lésbicos”, trans, femininos, todos carregamos as marcas de um sistema que tenta a todo momento nos exterminar. Cabendo a nós buscarmos as formas de curar estes traumas, mas não somente

---

<sup>55</sup>12º parágrafo do item 2.4.2 do Capítulo 2 deste trabalho.

<sup>56</sup> Gênesis 3, Versículo 1 da Bíblia .

isso, produzir novas possibilidades para que os corpos daqueles que nos sucederão sobre este chão possam lembrar deste momento como uma estadia de nossos corpos nesta “escuridão”, sem jamais, por um segundo que seja, esquecer que sempre devemos resistir e produzir novos meios de perpetuar resistências.

Passo então para as considerações finais sobre os caminhos da produção deste trabalho e as experiências que este me possibilitou, entendendo que muito mais do que se possa entender aqui, obras como as analisadas possuem e produzem muito mais simbolismos do que eu poderia contemplar aqui, sendo um homem negro, gay e poliafetivo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho até aqui foi longo, turbulento e em muitas vezes desesperador, mas finalmente chego ao fim de mais um período em minha vida. As horas de terapia, as conversas com amigos e a força de continuar culminam neste trabalho. Uma vez que a música sempre se fez presente em cada momento da minha vida, ditando ritmos e me ensinando sobre coisas que eu jamais havia pensado tentar entender, nada mais digno do que finalizar mais este período falando sobre música e subjetividade transmitida dos artistas que as produzem.

O período de realização deste trabalho foi relativamente curto em comparação ao tempo que passei pensando sobre aquilo que eu nem sabia que viria a se tornar ele. Pensando mais adiante na continuação desta caminhada acadêmica, considero a possibilidade de abrir mais esta problemática, entrevistando e buscando entender o impacto que essas obras e a de mais artistas produzem na vida das pessoas que se identificam com elxs. A cidade onde defendo esta tese é rica em produção “musico-artística” local, certamente estas produzem e transmitem novas formas de experienciar vivências naqueles que lhes acompanham, sendo assim um campo rico para produções que as tenham como foco.

Ao longo desta produção podem ter surgidos dúvidas quanto a utilização de termos identitários como “Mulher”, “trans”, “travesti” e etc. Gosto de pensar a identidade como fluida e em eterno movimento de construção e “desconstrução”. Os sujeitos que em determinado momento se identificam como “mulher” podem em outro local e outro tempo se identificarem como “travestis” ou “transexuais”, mas meu objetivo primário com todas essas denominações ao longo deste texto é demonstrar e valorizar a pluralidade de existências que vão além do binarismo sexual criado encima do “ser homem ou mulher”.

Longe de mim querer ocupar o local de protagonismo dessas artistas, para mim este trabalho é uma homenagem a todas as pessoas “transviadas”, gays “afeminadas”, não binárias e viadas. Vocês são o “meu povo”, é o nosso sangue que escorre pelas ruas deste país. E se alguma de vocês chegou até aqui, saibam que este trabalho é fruto de tudo que vocês produzem e possibilitam com suas existências que por si só são existências políticas e de resistência. Aqui há mais um “viado” que se nega a deixar calar por uma sociedade opressora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. “**O que é interseccionalidade?**” Belo Horizonte - MG: Letramento: Justificando, 2018.

BERTH, Joice “**O que é empoderamento?**” Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento, Belo Horizonte, 2018.

BISPO, Antonio. “**Colonização, quilombos: modos e significados**”. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI-UnB/CNPq). Brasília, DF, 2015.

BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. In: **Cadernos Pagu**. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2006. n.26 p.329-376

JESUS, Jaqueline Gomes de. “Transfobia e crimes de ódio: assassinato de pessoas transgênero como genocídio”. **História Agora**, 2013, v. 16. pp. 101-123.

KULICK, Don. “**Travesti: Prostituição, sexo, gênero e cultura no brasil**”. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz. 2008, 280 p.

LOURO, Guacira Lopes. “**Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**”. Petrópolis: Editora Vozes, ed. 7, 2004.

MBEMBE, Achille 2016. “**Necropolítica**”, disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993> Acesso em 27/11/2019 as 10:47.

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PETRY, Analídia Rodolpho. “Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para pesquisa”. **Textos & Contextos**, vol. 10, num. 1, Janeiro-Julho, 2011. pp. 193-198.

PETRY, ANALÍDIA RODOLPHO; MEYER, DAGMAR ELISABETH ESTERMANN “Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa”. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), vol. 10, núm. 1, Janeiro- Julho, 2011, pp. 193-198.

REA, Caterina Alessandra e AMÂNCIO, Izzie Madalena Santos “**Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**” in Cadernos Pagu, 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-83332018000200507&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332018000200507&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 17 de Novembro de 2019 às 12:19.

RIBEIRO, Djamila. “**O que é lugar de fala?**” Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento, Belo Horizonte, 2017.

SANTANA, Dora. **“Quão Trans é o Trans Atlântico Negro?”** Blogueiras Negras, 2016.  
Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/quao-trans-e-o-trans-atlantico-negro/> Acesso em  
10 de Dezembro de 2019.